

UM OLHAR PSICANALÍTICO PARA AS PSICOSES

Thomas Duarte¹; Leticia Sabino²; André Marcelo Pontes³; Profa. Cristiane Araujo Dameto⁴

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thomas_duarte_outlook.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - leticia_sab@hotmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – and_mcp@hotmail.com

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – crisdameto@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia.

Palavras-chave: psicose, psicanálise, ego, id.

Introdução: O termo Psicose é uma denominação da Psiquiatria, que através de sua história já denotou diferentes manifestações clínicas. É considerada uma nomeação que integra a nosologia psiquiátrica e designa a doença mental desde 1845.(Maciel, 2008)

Na abordagem psicanalítica, o psiquismo é construído por três estruturas, o id, ego e superego. O id traz consigo uma energia instintiva, com muitos desejos e pulsões, sendo assim ela não é afetada pelas buscas do mundo exterior, em outras palavras a realidade. O Ego é a estrutura pela qual o indivíduo é direcionado para a realidade, indo em busca de prazeres admitido socialmente. Chegando no superego vem a censura na consciência do indivíduo, adquirida pelas leis e padrões impostos socialmente de acordo com a cultura. (Lins, 2007) Para a psicanálise, as psicoses implicam na integridade do ego, originando prejuízos com relação ao contato com a realidade. Podendo ser de quadro agudo bem como evoluir de forma lenta e gradativa (Zimerman, 2008). Implicam num processo degenerativo das funções do ego, em graus variáveis, um sério prejuízo do contato com a realidade. (Mirândola, 1998) Portanto, a psicose tem como núcleo estruturante central a prevalência do princípio do prazer sobre o princípio da realidade. Dessa forma, as funções do ego são prejudicadas, já que o ego é regido pelo princípio da realidade, caracterizando o contato do indivíduo psicótico com seu mundo externo, como um ambiente restrito ao seu universo intersíquico, ou seja, um mundo só seu. (Mirândola, 1998)

Objetivos: Apresentar o contexto das psicoses dentro do contexto da abordagem psicanalítica.

Relevância do Estudo: Buscar apresentar de maneira simplificada o termo psicose, indagando deixar claro o conceito e as estruturas as quais são envolvidas no processo.

Materiais e métodos: Foram utilizados artigos científicos pesquisados através das plataformas dos sites BVS, SCIELO, um livro do autor ZIMERMAN.

Resultados e discussões: De acordo com o levantamento de Maciel, 2008 o termo psicose vem sendo utilizado há muito tempo, já tendo revelado diversas manifestações clínicas, é também uma nomeação utilizada para se designar a doença mental. Para o Tenório, 2016 tal termo tem como objetivo designar as manifestações psíquicas da doença mental, classificando relações as supostas com as alterações apresentadas no sistema nervoso o que provocavam as chamadas psicoses. Lins, 2007 busca explicar como é composto a estrutura psíquica de cada indivíduo, formada pelo id, ego e superego, considerando o id o princípio dos desejos e pulsões, uma energia totalmente instintiva, o ego já é uma parte da estrutura que traz o indivíduo para a realidade e o superego formado pela consciência que o ser humano se apropria pelas leis e padrões impostos socialmente de acordo com a cultura que está inserido. Quando a integridade do ego é comprometida ocasiona um prejuízo do indivíduo a enxergar sua realidade, ocorrendo uma psicose, que pode ser aguda ou ir se elevando

gradativamente (Zimerman, 2008). Segundo Mirândola, 1998, o funcionamento psicótico está submetido ao princípio do prazer comprometendo assim o contato e avaliação da realidade, ou seja, as funções do ego são prejudicadas por ser relacionada diretamente a realidade o que torna o contato do indivíduo psicótico com o mundo externo em que vive, um ambiente muito restrito ao seu interpsíquico, o mundo só dele.

Conclusão: Portanto é possível constatar a importância do termo psicose e como já está presente a tanto tempo dentro do campo da psiquiatria, desde 1845 fazendo parte da nosologia da doença mental. Importante a compreensão do mesmo para poder associar as estruturas e os princípios que fazem o indivíduo perder o controle da realidade, sendo a desintegridade do ego que se encontra cindido dentro da psicose.

Referências

- MACIEL, Viviane de Souza. **A transferência no tratamento da psicose.** Mental [online]. 2008, vol.6, n.10
- LINS, Samuel Lincoln Bezerra. **Psicose: diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica.** Mental [online]. 2007, vol.5, n.8, pp. 39-52.
- Zimerman, David E. **Manual de técnica psicanalítica** [recurso eletrônico] : uma re-visão / David E. Zimerman. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2008.
- SOARES, Paulo Fernando; MIRÂNDOLA, Luiz Albano. **Psicoterapias Psicodinâmicas para Psicóticos.** In: CORDIOLI, Aristides Volpato (Org.). **Psicoterapias, abordagens atuais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- TENÓRIO, Fernando. **Psicose e esquizofrenia: efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, n.4,out.-dez. 2016, p.941-963..

GRUPO DE APOIO E ORIENTAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM ACOMPANHANTES E VISITANTES DA UTI-ADULTO

Maria Luisa Ramalho Ferreira da Silva¹; Mirian Ribeiro Alves²; Ms. Andréia Barbosa de Lima³; Dra. Luciana Maria Biem Neuber⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marialuisa.ramalhof@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mrribeiro1008@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB e Psicóloga do Hospital Estadual de Bauru – HEB - dejalimapsico@yahoo.com.br.

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psibiem@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: unidade de terapia intensiva; psicologia hospitalar; grupo psicoeducativo; família.

Introdução: Para Simonetti (2013), psicologia hospitalar é o campo do saber e do tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento, tendo como objeto as repercussões psíquicas da doença orgânica. As especialidades médicas de um hospital geral constituem as diversas áreas de atuação do psicólogo hospitalar, sendo uma delas a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que é definida como uma área destinada à pacientes graves, assistidos de modo contínuo, com necessidade de materiais e tecnologias específicas para o diagnóstico, a monitorização e a terapia (SCHNEIDER; MOREIRA, 2017). No ambiente da UTI, os cuidados são intensos devido a condição iminente de morte que os pacientes estão submetidos, tendo como características a fragilidade humana; a alta complexidade do atendimento e terapia do paciente crítico; a complexidade dos equipamentos, que envolve medidas invasivas; a alta movimentação na unidade, além da constante dor física do paciente, que são fontes geradoras de estresse para pacientes, família e equipe (MORSH; BARROS, 2006). Segundo Schneider e Moreira (2017), as funções do psicólogo intensivista são destinadas ao paciente, à família e se dá junto à equipe multiprofissional. As intervenções com a família são o acolhimento, a orientação, o fornecimento de informações a respeito da UTI e os atendimentos individuais e grupais. Ismael (2004) aponta que a doença grave e as fontes geradoras de estresse, inerentes a UTI, compõem um evento catastrófico na família, podendo promover o desequilíbrio familiar. A Política Nacional de Humanização (PNH), em sua proposta de transformação da saúde pública, tem como um dos dispositivos o projeto “acolhendo os familiares/a rede social participante” que implica em: visita aberta, direito de acompanhante e envolvimento no projeto terapêutico, de forma a promover o elo entre o paciente e sua rede social. Um dos parâmetros dessa política é o respeito a dinâmica de cada unidade hospitalar por parte do acompanhante e dos visitantes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio da disciplina de Estágio Básico III e IV do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), com proposta de intervenção grupal com familiares e acompanhantes de pacientes em tratamento na UTI-ad do Hospital Estadual de Bauru (HEB). Os objetivos foram: acolher os familiares e acompanhantes para promover a conscientização do seu papel como facilitador no processo de tratamento; viabilizar um espaço de escuta empática para compartilhar sentimentos, dúvidas e questões envolvidas no processo de hospitalização, tratamento e doença; orientar as normas hospitalares e enfatizar a importância das mesmas como aliadas no processo de tratamento; favorecer o ajustamento a hospitalização.

Relevância do Estudo: Ao realizar estágio de observação na área de psicologia no HEB e acompanhar a rotina das psicólogas em diferentes áreas foi levantada a necessidade de os alunos oferecerem um projeto voltado para os familiares e os acompanhantes.

Materiais e métodos: O projeto foi desenvolvido e aplicado por duas estagiárias do curso de psicologia da FIB, sob a supervisão e orientação da docente responsável pela disciplina da faculdade e psicóloga do HEB. Para sua aplicação, foram realizadas oficinas psicoeducativas com os acompanhantes e visitantes dos pacientes internados na UTI-ad do hospital, tendo como eixos temáticos: o ambiente físico da UTI; procedimentos médicos comuns na unidade; normas e rotinas hospitalares. Os encontros foram semanais e ocorriam na sala de espera da UTI-ad, no período que antecedia a visita médica, com duração média de vinte minutos. Utilizou-se como recursos, o manual de orientações para pacientes internados no HEB e lâminas com imagens de aparelhos e procedimentos comuns em ambiente de terapia intensiva.

Resultados e discussões: Foram realizados sete grupos com aproximadamente cinco e dez pessoas em cada, com acompanhantes e visitantes dos pacientes internados na unidade. As intervenções grupais, fundamentadas no referencial teórico de grupo operativo de Pichon-Rivière, partiu do conceito de grupo como um conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço que, articuladas por mútuas representações internas, se reúnem em torno de uma tarefa específica e são movidas por necessidades semelhantes (MENEZES; AVELINO, 2016). O grupo consistia estruturalmente no início, estabelecer o rapport, para facilitar a clarificação do ambiente da UTI, suas características, as normas e rotinas da unidade, e após informar, orientar e esclarecer dúvidas, com validação empática dos sentimentos emergentes nesse ambiente, o qual, segundo Ismael (2004), é fonte geradora de estresse e de intensa desestabilização emocional aos familiares dos pacientes. Para Schneider e Moreira (2017), os primeiros dias de internação consistem no momento propício para a intervenção da psicologia, com o intuito de minimizar a angústia e a ansiedade, sentimentos característicos dessa primeira etapa do processo de hospitalização em que os familiares se encontram em choque, confusos e, muitas vezes, paralisados. A minimização da ansiedade está em consonância com a proposta, na qual os grupos foram realizados antes da visita médica, pois a família apresenta alguns prejuízos nas funções de atenção, concentração e memória, possuindo uma escuta seletiva apenas para informações que é capaz emocionalmente de assimilar (ISMAEL, 2004).

Conclusão: Devido as reações emocionais e vivências dos familiares em ambiente de UTI, aponta-se a necessidade de promover um espaço de escuta e informação, de modo que dúvidas sejam esclarecidas e orientações sejam feitas e repetidas sempre que necessário. Portanto, esse projeto de grupos em sala de espera com familiares e acompanhantes de pacientes hospitalizados na UTI está em conformidade com a PNH e as demandas psíquicas dos familiares diante dessa vivência.

Referências

- ISMAEL, S. M. C. Família do paciente em UTI. In: FILHO, J. de. M. (org.). *Doença e família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MENEZES, K. K. P. de.; AVELINO, P. R. Grupos operativos na atenção primária à saúde como prática de discussão e educação: uma revisão. *Cad. Saúde Colet.*, v. 24, n. 1, p. 124-130, 2016.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. NÚCLEO TÉCNICO DA POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO. *HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. 3ª ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.
- MORSCH, C.; BARROS, E. Qualidade de vida em terapia intensiva. In: DINIZ, D. P. *Guia de qualidade de vida*. Barueri: Manoele, p. 91-101, 2006.
- SCHNEIDER, A. M.; MOREIRA, M. C. Psicólogo intensivista: reflexões sobre a inserção profissional no âmbito hospitalar, formação e prática profissional. *Temas em Psicol.* v. 25, n. 3, p. 1225-1239, 2017.
- SIMONETTI, A. *Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença*. 7ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO AMBIENTE ESCOLAR EM CRIANÇAS COM TDAH

Alini Francisquette Herrera¹; Vera Lucia Luvizutto Okubo²

Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alini.herrera@hotmail.com

Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, Intervenção, Escola, Aprendizado, Psicologia

Introdução: Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade, sendo o transtorno mais comum em crianças e adolescentes. Acontece em 3 a 5% das crianças, em diversas regiões diferentes do mundo em que já foi pesquisado. Em mais da metade dos casos o transtorno acompanha o indivíduo na vida adulta, embora os sintomas de inquietude sejam mais brandos. É comum crianças com TDAH serem vistas como preguiçosas, desordeiras, incapazes, entre outros. Essa avaliação de forma equivocada se dá pelo fato da inabilidade em controlar suas emoções e pela impulsividade em suas ações, ou seja, não pensar antes de reagir. Desta forma, a intervenção do psicólogo junto à equipe escolar e familiar é importante para esclarecimento e orientação sobre o transtorno. O psicólogo poderá utilizar várias estratégias para ajudar a criança a compreender o seu comportamento, bem como controlá-los por meio de internalizações. De acordo com Valle (2003), pesquisar, intervir, planejar e promover a saúde mental no contexto escolar é inerente ao trabalho do psicólogo escolar. E é esse o desafio que se ergue diante desse profissional, o de afirmar-se no seu espaço de trabalho para lidar com os aspectos psicológicos e educacionais que envolvem o desenvolvimento infantil e sua adaptação no mundo.

Objetivos: Este artigo tem por objetivo compreender o transtorno e identificar como o profissional da psicologia poderá intervir em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade na escola.

Relevância do Estudo: Esse estudo é de suma importância para alunos de graduação em psicologia e profissionais, ressaltando a compreensão do TDAH, e a importância do psicólogo escolar frente a dificuldades de crianças na aprendizagem portadoras do transtorno.

Para Harpin, durante a pré-escola, a criança com TDAH pode não se diferenciar dos colegas, uma vez que o baixo nível de atenção concentrada, agitação motora e impulsividade são comuns nesta faixa etária. No início do ensino fundamental, entretanto, a criança com TDAH começa a ser vista como diferente das demais e os problemas começam a aparecer com maior intensidade. Além disso, problemas durante passeios ao shopping, supermercados ou em visitas a familiares, começam também a ficar evidentes (Harpin, 2005).

Rief (2001) resalta que é importante com o auxílio do psicólogo escolar, o professor ter a compreensão da criança com TDAH como uma pessoa que tem potencial que poderá ou não se desenvolver, e reconheça sua responsabilidade sobre o resultado final desse processo. O professor ideal terá mais equilíbrio e criatividade para criar alternativas e avaliar quais obtiveram melhor funcionamento prático. Deverá saber aproveitar os interesses da criança,

criando situações cotidianas que a motivem, e oferecer feedback consistente, imediatamente após o comportamento da criança.

Materiais e métodos: trabalho realizado por meio de revisão de literatura, a partir de base de dados como, Scielo e Google acadêmico, datados de 1998 a 2017.

Resultados e discussões:

Para a identificação do TDAH é preciso de comportamentos específicos do transtorno, presentes em mais de um contexto, como na escola, em casa ou em ambientes sociais. Além disso, estes comportamentos devem acarretar um comprometimento clinicamente importante do funcionamento social, acadêmico ou ocupacional (APA, 2002).

O manejo de uma criança com TDAH em sala de aula não é uma tarefa fácil. O estilo de trabalho do professor, além de características pessoais deste profissional, tem importante impacto sobre o comportamento em classe e sobre o desempenho acadêmico de crianças com TDAH. Professores mais entusiasmados e dinâmicos parecem ter maior facilidade para aumentar a participação destas crianças. Além disso, a utilização de sistemas de fichas, incluindo custo de resposta, parece auxiliar no desenvolvimento e manutenção do comportamento adequado e do desempenho acadêmico (Barkley, 1998).

As estratégias utilizadas com melhores resultados incluem controle de estímulo, "quebra" das tarefas em pequenas partes de forma a torná-las compatíveis com os períodos que a criança consegue manter a concentração e o estabelecimento de tarefas a serem realizadas em intervalos curtos de tempo (Barkely, 1998).

Conclusão: Pudemos concluir que a relação estabelecida entre o aluno e o professor é importante para a compreensão e identificação das dificuldades apresentadas da criança em sala de aula. Após essa identificação, o professor, juntamente com o psicólogo escolar deverá criar estratégias para que ocorra a intervenção junto ao aluno. A participação da família é de suma importância nesse processo, bem como o envolvimento de outros profissionais como médicos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, entre outros. Desta forma, todas as ações propostas refletirão em avanços qualitativos para o desenvolvimento global desse estudante.

Referências

BARKLEY, R. A. (1998). **Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder**. Em E. J. Mash & R. A. Barkley (Orgs.), *Treatment of childhood disorders*. (vol. 2, pp. 55-110) New York: Guilford.

HARPIN, V. A. (2005). **The effect of ADHD on the life of an individual, their family, and community from preschool to adult life**. *Arch Dis Child*, 90, (Suppl 1), i2-i7.

LEME, Luciana. O que é TDAH. ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção, 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

RIEF, S. (2001). **Estratégias de intervenção na escola**. Trabalho apresentado na // *Conferencia internacional sobre o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade*. São Camilo: Centro de Convenções.

VALLE, L.E.R. Psicologia Escolar: Um duplo desafio. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, vol.23, nº 1, Março. 2003.

A BIOÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Luana Rita Sulato¹; Tainá Macedo Oliveira²; Marta Alice Nelli Bahia³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – luana.rita.sulato@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – madrita.oliv@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de Trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-Chave: Bioética, Bioética Profissional, Bioética na Atualidade, Bioética no Brasil.

Introdução: A Bioética tem como objetivo facilitar o enfrentamento de questões éticas que surgirão na vida dos profissionais da saúde e que lidam diretamente com a vida humana. Sem os conceitos básicos sobre ética, dificilmente alguém consegue enfrentar e se posicionar diante um dilema a esse respeito. Para a Bioética, é fundamental o respeito à vida humana. Quando conseguimos agir respeitando esse fundamento da Bioética, podemos estar certos de que estamos agindo de forma ética (JUNQUEIRA, 2011). Embora seja relativamente nova no Brasil, a bioética no país, começou a ter relevância a partir da criação de revistas, programas de pós-graduação, e da realização de eventos a respeito (CARVALHO et al, 2017; GOMES et al, 2016). Um dos principais pontos de debate da bioética brasileira foi sobre os princípios e valores que não deveriam se restringir à esfera dos conflitos e dilemas da prática clínica e da pesquisa médica (CARVALHO et al, 2017; GOMES et al, 2016).

Objetivos: O objetivo do presente estudo é revisar a literatura sobre Bioética e mostrar a sua importância nos dias atuais.

Relevância do Estudo: Estudar esse tema na contemporaneidade e sinalizar a importância da bioética na relação dos profissionais da saúde, compreender os dilemas éticos, os fundamentos que embasam uma postura ética com respeito à vida e as possibilidades para solucionar tais dilemas, podemos colaborar na busca de um equilíbrio entre a ciência e a vida humana.

Materiais e Métodos: Foi realizada uma pesquisa em base de dados da internet (PDF's e artigos online), foram utilizados na busca os seguintes descritores: Bioética, Bioética Profissional, Bioética na Atualidade, Bioética no Brasil. Os PDF's e artigos selecionados foram publicados nos últimos 10 anos.

Resultados e Discussões: Nas profissões da área da saúde, que envolvem a Bioética, são enfrentados diversos desafios, sendo dentre outros: a postura profissional nas relações com o paciente, a família e a equipe de saúde; humanizar e acolher; o esclarecimento; a privacidade e o sigilo; a importância do prontuário; a interferência na adoção de estilos de vida saudáveis; e a satisfação do usuário (JUNQUEIRA, 2011). Em 1978 foram propostas no Relatório Belmont, “ferramentas” que orientam as pesquisas com seres humanos. Podemos utilizá-las para facilitar a atuação do profissional da saúde nos dilemas éticos e na compreensão do respeito pela pessoa humana. Existem três importantes ferramentas: Beneficência / não maleficência (benefício do paciente como principal razão); Autonomia (liberdade de decisão sobre sua vida); e Justiça (respeitar com imparcialidade o direito de cada um) (JUNQUEIRA, 2011). Em 1992, a Sociedade Brasileira de Bioética, estabelece a Bioética como uma ferramenta importante para a atuação dos profissionais, principalmente da área da saúde. O marco simbólico neste contexto está representado pela Resolução CNS 196/1996, que contribuiu para o fortalecimento do sistema brasileiro de revisão ética das

pesquisas, denominado Sistema CEP (Comitês de Ética em Pesquisa) e CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). Na área de ensino, a primeira disciplina de Bioética no Brasil foi concebida, no ano de 1994, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília e foi implementada por Volnei Garrafa, que desenvolveu no mesmo ano o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Bioética da Universidade, o primeiro do gênero cadastrado no Brasil no CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – (GOMES et al, 2016).

Conclusão: Podemos concluir que a Bioética tem sua proposta nas soluções em assuntos pertinentes em relação à vida. A Bioética é fundamental, para as profissões relacionadas à saúde, pois o respeito à vida é essencial. Esta compreende o homem na sua totalidade como pessoa, procurando garantir e preservar a dignidade humana, respaldando seus direitos e sua autonomia.

Referências

AZEVEDO, M. A. S. **Origens da Bioética**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/nas/v19n4/v19n4a05.pdf>>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

CARVALHO, R. R. P. et al. **Sociedade Brasileira de Bioética: uma bioética de compromissos**. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bioet/v25n2/1983-8042-bioet-25-02-0218.pdf>>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

GOMES, C. M. C. et al. **Origem e perspectivas da Bioética no Brasil e em Portugal**. 2016. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/medicinae/pdfs/mirabilia_med_2016-01-07.pdf>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

JUNQUEIRA, C. R. **Bioética: conceito, fundamentação e princípios**. 2011. Disponível em: <http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_bioetica/Aula01.pdf>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

JUNQUEIRA, C. R. **Bioética**. Disponível em: <https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/2/unidades_conteudos/unidade18/unidade18.pdf>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

ABORDAGEM SOCIAL COMO RECURSO PARA RESGATAR A IDENTIDADE DE USUÁRIOS DE UMA CASA DE PASSAGEM

Edilene Tavares da Silva ¹; Maria Cristina Tavares Trize ²; Andréia Barbosa de Lima ³; Luciana Maria Biem Neuber⁴; Vitor Rocha Bíscaro ⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - edilinetavares78@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - FIB cristinatriz@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - FIB - dejalimapsico@yahoo.com.br

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com

⁵ Psicólogo do Serviço Especializado em Abordagem Social – Secretaria do Bem Estar Social de Bauru – SEBES vitorbiscaro@bauru.sp.gov.br.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: psicologia social, vulnerabilidade, grupo, vínculo.

Introdução: A psicologia social se refere à área da psicologia que é fundamentada na compreensão da dimensão subjetiva dos fenômenos sociais e coletivos com o objetivo de problematizar e propor ações no âmbito social (CORDEIRO; LOPES, 2003). Nesse sentido, busca desenvolver uma relação com a sociedade, a partir da identificação das demandas sociais, com bases éticas, podendo diminuir as desigualdades sociais e preservar a dignidade do sujeito (FERREIRA, 2010). A Abordagem Social é um serviço ofertado pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) no âmbito da proteção social especial de média complexidade, realizado por uma equipe de educadores sociais por meio de busca ativa nas ruas, praças, estradas e demais espaços públicos (CFP, 2013).

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio da disciplina de Estágio Básico IV do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB). As atividades destinam-se a desenvolver projeto na área de psicologia social, com foco grupal voltado para os usuários da abordagem social dirigido por um psicólogo, o qual realiza suas atividades de trabalho na Secretaria do Bem Estar Social (SEBES) de Bauru, bem como sob a supervisão da docente da disciplina da FIB. Essas atividades têm como objetivos promover um espaço de escuta empática com os usuários da Casa de Passagem “Bom Pastor” de Bauru, possibilitando o resgate de suas histórias de vida, com o intuito de fortalecer os vínculos familiares, sociais e a própria identidade do usuário.

Relevância do Estudo: O estágio em psicologia se caracteriza por um conjunto de atividades supervisionadas realizadas em situações reais de vida e de trabalho, por estudante regularmente matriculado em curso de graduação. Desta forma, o Estágio Básico em psicologia tem como objetivo o desenvolvimento de práticas integrativas das competências e habilidades previstas no núcleo comum de formação.

Materiais e métodos: Este trabalho originou-se nas atividades da disciplina “Estágio Básico III e IV” da FIB sob a orientação e supervisão da docente do curso de psicologia e do psicólogo da SEBES como supervisor local do estágio, no período de agosto a outubro de 2018. Foram realizadas oito oficinas, que são técnicas de dinâmica de grupo como dispositivos facilitadores de interação e reflexão (AFONSO, 2010). As oficinas foram abertas, e com duração de uma hora e meia cada. Participaram deste projeto a população residente na casa de passagem Bom Pastor, que presta atendimento para mulheres em situação de vulnerabilidade e violência. Foi utilizado como material para as oficinas revistas, cola, lápis de cor, tinta, papel colorido, tesoura, régua entre outros materiais de papelaria.

Resultados e discussões: O estágio supervisionado possibilitou vivenciar um pouco da rotina de trabalho do psicólogo social. As quatro primeiras oficinas realizadas abordaram a apresentação e o objetivo do projeto para as usuárias e tiveram como objetivo a elaboração de um caderno com a proposta de descrever um pouco de suas histórias de vidas e seus planos para o futuro. As condições precárias na rotina das pessoas em situação de

vulnerabilidade produzem no sujeito condição de isolamento social, exclusão, negação da sua condição de vida, produzindo a internalização das condições de sofrimento que repercutem na construção da identidade possibilitando o mecanismo de culpabilidade, pois a sociedade descrevem pessoas em situação de vulnerabilidade como seres subversivos, mendigos, marginais adjetivos que fazem referências a uma identidade de não trabalhador (Moura Jr. et al., 2013). A vulnerabilidade social que se conceitua como uma situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade devendo ser compreendida como uma estrutura multifacetada que dificultam o acesso aos bens e serviços, inclusive educação, lazer e saúde, pessoas que sobrevivem na pobreza experimentam vínculos sociais extremamente frágeis e tendem a fortalecer a desconstrução da autoimagem, autoestima (Moura, 2012). As quatro demais oficinas desenvolvidas tiveram como objetivo: sentir útil, pertencer à sociedade, resgatar autoimagem, compartilhar experiências e sentimentos. O sentimento e a identidade de um indivíduo em pertencer a sociedade depende da relação que se estabelece com o espaço e as pessoas que convivem, é elaborado na identidade de um indivíduo a partir do fortalecimento dos vínculos sociais e pessoais, desenvolvendo paralelamente recurso de consciência crítica para a capacidade de controlar situações de vida ressignificando relações e transformações no espaço de suas necessidades e aspirações (ALCANTARA, 2015).

Conclusão: Identificou-se que os temas abordados nas oficinas com as usuárias da casa de passagem Bom Pastor proporcionou o resgate de suas histórias de vida e a conscientização para elaborar planos futuros. O espaço oferecido de reflexão e escuta para as usuárias, propicia a quebra de um modelo assistencialista das políticas públicas buscando o fortalecimento da cidadania.

Referências

AFONSO, M. L.; **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial.** São Paulo: Casa do Psicólogo; 2010.

ALCANTARA, S. C et al.; Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, v. 24, n. 1, 2015.

Conselho Federal De Psicologia Conselhos Regionais De Psicologia. Referências. **Técnicas para a Prática de Psicólogos (os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social - CREAS** 1ª Edição Brasília, fevereiro, 2013.

CORDEIRO, M. P.; Lopes, F. T. P. **Psicologia Social ou Psicologia Sociais: uma análise dos repertórios interpretativos que dão sentido a este campo profissional.** USP, São Paulo, 2013.

FERREIRA, M. C. A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais **Teor. e Pesq.** Vol. 26, n. especial, pp. 51-64 Brasília, 2010.

MOURA JR et al. Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. **Revista de Psicologia**, v 22, n. 2, p.18-28, 2013.

MOURA JR., J. F. **Reflexões sobre a pobreza a partir da identidade de pessoas em situação de rua de Fortaleza.** Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil; 2012.

ANÁLISE DA ORIGEM DO CRITICISMO DE KANT

Wendell Soares de Almeida¹; Dilson Brito da Rocha²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wendellsoares03@gmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
dilsondarocha@hotmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Racionalismo; Empirismo; Criticismo; Immanuel Kant.

Introdução: Partindo de uma divisão histórico tradicional, onde temos a história europeia como base, convencionou-se chamar os meados do século XV até o final do século XVII de Idade Moderna. Esse período histórico é marcado pela construção de uma nova mentalidade que buscou revalorizar o ser humano e a natureza. Os preceitos desse novo entendimento foram herdados do principal movimento cultural desse período, o Renascimento, que defendia uma cultura mais próxima do mundo greco-romano, retornando assim, ideias de exaltação do homem e de seus atributos, razão e liberdade. Com isso, surge uma racionalização do pensar, onde os teóricos modernos se dedicam a observações e experimentações, enfrentando as problemáticas concernentes a esta época, em vista de solucioná-las. (COTRIM, 2006). A Filosofia Moderna se preocupou em entender o próprio conhecimento, ou seja, a teoria do conhecimento. Isso não quer dizer, todavia, que antes os filósofos não tivessem pensado sobre o que era o conhecimento e o conhecer, mas sim que nesse momento do pensar humano o conhecimento se torna a questão primária nas reflexões filosóficas, tanto no campo da filosofia como no da ciência. (CHAUI, 2001). Immanuel Kant (1724-1804), filósofo nascido na Alemanha, foi um dos pensadores modernos que se preocupou em entender a gênese do conhecimento humano. Através de sua obra *Crítica da Razão Pura* criou uma tese que buscava refletir se era possível a existência de uma “razão pura” que não dependesse da experiência. (ARANHA; MARTINS; 2003). Dessa forma, o método kantiano ficou denominado de Criticismo e contrastou-se a seus objetos de crítica. O primeiro sendo o Racionalismo, que pode ser entendido como a convicção que atribui à razão humana a capacidade de entender o mundo e consolidar a verdade, e o segundo sendo o Empirismo, que através de seus adeptos buscou explicar o conhecimento por meio da experiência (REZENDE, 2001).

Objetivos: Com o presente trabalho temos o objetivo de demonstrar como se deu o desenvolvimento do Criticismo de Kant, sendo uma forma de crítica ao Racionalismo e ao Empirismo.

Relevância do Estudo: O presente trabalho se mostra relevante uma vez que os métodos epistemológicos desenvolvidos na modernidade influenciaram o conteúdo teórico, científico e prático da pós-modernidade. O Criticismo ganha destaque, já que se mostra como uma síntese cautelosa entre Racionalismo e Empirismo, que eram os dois principais métodos de justificar a origem do conhecimento, e assim, acaba por criar um entendimento que se perpetua até a contemporaneidade, acerca de até onde a razão pode compreender a realidade.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão bibliográfica nos títulos disponíveis no acervo da biblioteca da FIB – Faculdades Integradas de Bauru, onde se buscou entender a gênese da teoria do conhecimento engendrada por Immanuel Kant, e posteriormente realizar uma análise da mesma.

Resultados e discussões: O criticismo surge como forma de tentar superar as limitações do empirismo e do racionalismo. Se o primeiro se limitava a ficar atrelado com a experiência apenas, o segundo se fez simplista ao atribuir a fonte exclusiva do conhecimento na razão, indiscutivelmente intrínseca ao ser humano. Elevando mais ainda a crítica a essas formas de buscar o conhecimento, ou melhor, de justificá-lo, podemos dizer que ambos incorrem no dogmatismo que Kant irá pôr à prova com a sua visão sobre o que a filosofia tinha desenvolvido até aquele momento, ao dizer que o foco até então era errôneo. Para o filósofo alemão era preciso questionar a própria realidade, perguntar até onde a razão humana seria capaz de chegar, pôr a ciência e a razão em julgamento, para assim poder entender o que de fato era o conhecimento, como ele se dava no sujeito. Kant definiu sua época como não esclarecida, mas que estava em processo de esclarecimento, direcionada a autonomia do sujeito. Esse processo se daria pela liberdade alcançada na modernidade, o que viabilizava o imprescindível esclarecimento. Portanto, Kant não enxerga seu tempo como marco do apogeu da razão, onde seria necessário o olhar crítico para os limites da razão a fim de se afastar das barbarias humanas derivadas do dogmatismo impregnado na ciência e na razão. A razão onipotente e onisciente caminha para o autoritarismo, e assim se afasta da liberdade e se converte em irracionalidade (REZENDE, 2001). O criticismo de Kant é alcunhado por ele mesmo como sendo transcendental, que não se relaciona com o transcendente, mas sim ao fato de que o conhecimento acontece pela junção de partes do sujeito com a experiência. Essa necessidade do *a priori* é o núcleo duro da *Crítica da Razão Pura*, e recebeu o nome de *Dedução transcendental das categorias*. O conhecimento é entendido por ele como uma ação objetiva sobre a elaboração do material do conhecimento, segundo as faculdades e suas formas. O sujeito, unificando essas faculdades de modo cooperativo, atribui conceitos nas percepções, e assim produz a experiência, conhecimento real e empírico. Logo, a experiência é tanto consequência de dados empíricos quanto elementos *a priori* (REZENDE, 2001).

Ainda sobre essa questão, no excerto seguinte temos que:

O homem, portanto, no ato de conhecer, desde o fato primordial da sensação, imprime a marca de sua subjetividade em “algo” que se torna “objeto”. Conhecer é, de certa maneira, submeter algo a nossa subjetividade. Alguns expositores de Kant lembram imagem feliz, quando dizem que nós não podemos apanhar um bloco de neve, sem lhe imprimir a forma de nossos dedos. O que é conhecido conserva sempre os sinais das garras apreensoras de nossa subjetividade (REALE, 1989, p.70).

Conclusão: Enfim, o criticismo de Kant surge como forma de crítica ao racionalismo e ao empirismo. Esse método buscou sanar as dificuldades presentes nos dois sistemas anteriores. Para tanto, o filósofo alemão imprimiu uma síntese criteriosa entre os dois.

Referências

- CHAUI, Mariana. **Convite à Filosofia**. 12^o ed. São Paulo: Ática, 2001.
- REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**. 2^o ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: Histórias e grande temas**. 16^o ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- REZENDE, Antônio (Org.). **Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação**. 10^o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 3^a ed. São Paulo: Moderna, 2003.

PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO, PERSONA E SOMBRA

Letícia Maria Braga Simão¹; Larissa Santos de Paula²; Giovana Andreghetto³; Mônica Perri Kohl Greggi⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB lsimao.simo83@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB laarisaaantos@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gi_andreghetto@hotmail.com;

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mgreggi23@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: persona, sombra, psicologia analítica.

Introdução: O artigo se refere ao uso dos arquétipos persona e sombra, que são um dos principais conceitos da teoria Junguiana. A persona é observada e compreendida no contexto psicodramático, entre personagens, papéis sociais e culturais que utilizamos. A sombra é o oposto refere-se a camuflagem do drama individual, impedindo a possibilidade da luz atuar na vida do indivíduo. Contudo a reflexão consiste em equilibrar a luz e a sombra dentro das máscaras que o sujeito mostra para o mundo. (OLIVEIRA, 2013).

Objetivos: O objetivo do trabalho é explicar os conceitos de sombra, luz, processo de individuação e persona. Aprofundar os conceitos da psicologia analítica, de Carl Jung, dando ênfase na dramatização e nos papéis sociais.

Relevância do estudo: Os conceitos de Carl Jung sobre persona e sombra são de grande importância para a psicologia analítica, para que haja uma melhor compreensão da mente humana e das teorias da personalidade.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura. Foram utilizados livros, bem como artigo do Scielo. Como eixo e suporte, utilizamos o referencial teórico, baseado no livro de Nise da Silveira, Jung Vida e Obra, para dar ênfase aos conceitos da Psicologia Analítica.

Resultados e discussões: Personas: São instrumentos utilizados pelo sujeito para conviver com o mundo externo, para corresponder às expectativas do ambiente em que vive. O indivíduo passa a interpretar um papel que as pessoas esperam dele, agindo de forma não espontânea. (SILVEIRA, 1976). São máscaras interpretadas por nós, nas quais representam vários papéis sociais, onde somos cópias, impossibilitando de sermos autênticos. Essas máscaras são utilizadas nos relacionamentos interpessoais nos quais estamos inseridos. (OLIVEIRA, 2013). Como o meio em que vivemos é dificultoso, elaboramos máscaras cotidianas construídas através de como a pessoa é em seu íntimo e o modo que ela convive com as diversas máscaras. As máscaras auxiliam a comunicação, facilitam a realização da condição de cristalização, provocando sensações e sentimentos aflorados em seu âmbito interno (OLIVEIRA, 2013). *Persona* expressa um envolvimento entre a pessoa e o meio em que ela vive. É a forma em que o indivíduo se mostra ao mundo. E aponta aquilo que ele identifica como sendo dele, de forma consciente. Quer mostrar para a coletividade, a máscara que ele faz uso na sociedade. Consequentemente, existe alguma coisa individual não diretamente presente na escolha da persona. A sombra representa o arquétipo da escuridão e da repressão, são as características que consideramos negativas em nossa personalidade e tentamos ocultar. A sombra se refere a tendências contrárias a moral, apesar de representar também atributos positivos que, no entanto, nos opomos a enfrentar (FEIST 2015). A sombra

pode representar características relevantes que foram impedidas de se desenvolver devido ao um ambiente desfavorável, ou pela falta de energia do sujeito em se empenhar nelas (SILVEIRA, 1976). Existe um equilíbrio entre os aspectos de *sombra* e *luz*. O cliente reorganiza seu passado e assimila que em sua máscara há dois lados refletidos pela *sombra* e pela *luz*. Eles possuem dois papéis: um enclausurado e fictício; outro novo e dotado de criatividade e espontaneidade. (OLIVEIRA, 2013). Logo, uma máscara contém sua *luz* e sua *sombra*. Em geral, a *sombra* se evidencia quando cheia de resistências e de aspectos duros do cotidiano do indivíduo. A *luz* surge como seu lado espontâneo e criativo. A *sombra* será positiva na situação de proximidade com a *luz*, a real essência do personagem, havendo um equilíbrio entre ambos os lados da máscara. (OLIVEIRA, 2013)

CONCLUSÕES

A personalidade do sujeito é formada através dos personagens cotidianos e culturais que nela é vivida, assim construímos nossos papéis através das persona, das sombras e da luz. Os papéis se transformam, bem como a nossa identidade. Identificamos um conceito dinâmico, flexível e não estático. As máscaras ampliam nossa percepção, em relação à representação dos personagens cotidianos que desempenhamos ao longo da vida. Perante esses conceitos vivenciamos personagens internos, refletidos na luz e na sombra de sua máscara. Quando o indivíduo se conscientiza da sua sombra, refletida na elaboração de seu personagem conservado, terá uma repetição por toda sua vida. Apenas quando ressignificamos os conteúdos sombrios, criamos personagens internos, diferente da sombra, espelhado através da luz, cheio de espontaneidade e criatividade, destituído de processos culturais e sociais, quando a sombra vem à luz ocorre uma descristalização da máscara primitiva. Há um equilíbrio entre sombra e luz.

Referências – FEIST, Jess; FEIST, Gregory. Teorias da Personalidade. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. 464 p.

OLIVEIRA, Melissa Marques Torres. O Poder da máscara no Psicodrama: a sombra e a luz. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 183-191, 2013

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v21n1/a15.pdf>. Acesso em 31 de Outubro de 2018.

SILVEIRA, Nise da. Jung Vida e Obra: Nise da Silveira. 5. Ed. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1976. 194 p.

FIB ADOLESCENTE – TRILHANDO SEU FUTURO

Julia Messias¹; Liliana Mercedes²; Iúlia Góes³; Prof. Cristiane Araújo Dameto⁴; Prof. Marta Alice Nelli Bahia⁵.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juliamessias0508@gmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lilianamercedes@live.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – iuliaa_goes@hotmail.com

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Adolescência, orientação profissional.

Introdução: O adolescente, já carrega consigo uma série de expectativas da família, que depositam seus sonhos no filho para seguir a profissão desejada pelo pai ou mãe. Segundo Almeida e Pinho (2008), o jovem ao perceber suas influências familiares, pode trabalhá-las durante esse processo de escolha profissional, as utilizando de forma consciente visando seu projeto pessoal e profissional. O mundo está em constante desenvolvimento e cada vez com maior pressão social sobre os adolescentes. No determinado momento da vida de um adolescente ele precisará tomar decisões em relação a profissão que deseja seguir, junto com as decisões, vem a exigência da família, os medos e a ansiedade (MELO-SILVA *et al*, 2003). Conforme as exigências aumentam e causam nervosismo e dificuldades na escolha.

Objetivos: O propósito deste trabalho é poder orientar na escolha da formação profissional para adolescentes de dezesseis e dezoito anos através de encontros e nos possibilitar observar os jovens participantes do projeto que buscaram orientação profissional, também nos possibilitou observarmos a atuação das professoras enquanto psicólogas neste projeto semanais com aplicação de questionários e testes com objetivos de autoconhecimento, perfis e escolhas profissionais, proporcionando assim, ao adolescente maior conhecimento de si mesmo, conscientização da importância de cada escolha e da profissão que deseja.

Relevância do Estudo: O estudo proporciona aos estudantes de Psicologia a experiência de observar os jovens participantes do projeto que buscam orientação profissional com a atuação das professoras enquanto psicólogas neste projeto organizado pela FIB - Faculdade Integradas de Bauru.

Materiais e métodos: A revisão bibliográfica foi através da literatura científica concentrando-se nos trabalhos publicados sobre adolescentes e a orientação profissional. O mapeamento da literatura foi realizado através das bases de dados científicas do Google Acadêmico e o Scientific Eletronic Library Online (SciELO). A estratégia de busca foi o cruzamento dos descritores referentes à adolescência e a orientação profissional. Os critérios de inclusão foram: a) artigos publicados na língua portuguesa cuja integração com os descritores e o objetivo do presente trabalho fosse atendidos e b) artigos publicados de janeiro de 1999 a outubro de 2018. Os critérios de exclusão foram: a) teses, dissertações; também foram eliminados documentos encontrados na busca que não tinham relevância na discussão do estudo.

Resultados e discussões: Ao chegar da adolescência surgem dúvidas e incertezas, porém é chegada a hora do sujeito assumir sua identidade e tomar decisões que irão acompanhá-lo

por toda sua vida. Buscando ajuda-los, o projeto FIB – Adolescente de 2018, contou com a colaboração de duas professoras psicólogas e quatro alunas de psicologia, que auxiliaram quatro adolescentes que buscavam a orientação profissional. Para verificar como os jovens se organizam nesse importante momento de suas vidas e o que pensam a respeito das profissões, foram aplicados testes e realizados dinâmicas com o intuito de clarificar a escolha da profissão. Tardeli (2008), aponta que, todas as pessoas necessitam satisfazer as necessidades de reconhecimento, elogio, aceitação, aprovação, amor e independência. Uma forma de conseguir isso é assumindo uma identidade profissional. No entanto, muitos jovens ainda não conseguem definir o caminho a ser conquistado. Para iniciar o projeto, foi solicitado aos adolescentes diversas dinâmicas ao longo dos primeiros encontros para que se buscasse a auto identidade deles, objetivo destas atividades era começar a trabalhar uma auto reflexão deles, sobre quem eles são, o que gostam e como a história de vida de cada um interfere em seu presente e seu futuro, visto que tais momentos determinam sobre as atitudes, gostos e sonhos que almejam. Durante os outros encontros foram aplicados nos adolescentes dois testes sobre orientação profissional, o primeiro foi o EMEP que tem como objetivo avaliar o nível de maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio e detectar os aspectos mais e menos desenvolvidos. A escala total está composta de 45 itens, sendo que 23 são positivos (enunciados que indicam maturidade) e 22 são negativos (enunciados que indicam imaturidade) (NEIVA, 1999). E o AIP que tem como finalidade a avaliação dos interesses profissionais, o AIP é composto por 200 frases, dividido em 100 pares de atividades, que estão relacionadas á 10 campos de interesses. O jovem seleciona a atividade que mais lhe desperta interesse e registra sua escolha na folha apropriada. A correção é realizada pela classificação das respostas dadas, por meio da avaliação quantitativa e qualitativa (LEVENFUS & BANDEIRA, 2009) Este período de estágio foi de extrema importância para nós estudantes de psicologia, que, além de nos possibilitar observar os jovens participantes do projeto que buscaram a orientação profissional, também nos possibilitou a cada encontro um aprendizado diferente, nos possibilitando crescer enquanto estudante de psicologia. Aprender a ouvir, observar e colaborar conforme orientação das professoras, e nos tornando mais próximas da realidade da profissão em psicologia.

Conclusão: O projeto realizado com os adolescentes inscritos, professores e estudantes de Psicologia nos permitiu adquirir experiências e conhecimentos sobre a escolha da profissão e aplicação de testes como o EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional) e o AIP (Avaliação dos Interesses Profissionais) para obter as escolhas que condizem com os interesses dos adolescentes conseguindo assim amplificação ao desejo da escolha realizada. Levando condicionando satisfação pela colaboração, apoio, experiência e aprendizado adquirido.

Referências

- MELO-SILVA, Lucy Leal; NOCE, Mariana Araujo; ANDRADE, Patrícia Pasqua. Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. **Psic: Revista da Vetor Editora**, v. 4, n. 2, p. 06-17, 2003.
- ALMEIDA, Maria Elisa GrijóGuahybade; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008.
- Orientação Profissional de Adolescentes: O Difícil Momento da Escolha. Denise D’Aurea Tardeli. *Revista Múltiplas Leituras*, v.1, n. 2, p. 124-136, jul. / dez. 2008 São Paulo.
- NEIVA. K. M. C. Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP): Manual. São Paulo, Vetor Editora Psicopedagógica, 1999.
- Levenfus, R. S., & Bandeira, D. R. (2009) AIP: Avaliação dos Interesses Profissionais. São Paulo: Vetor.

INTRODUÇÃO DOS TESTES DE INTELIGÊNCIA NO SISTEMA FUNCIONALISTA

Beatriz Cristine Ricci Michelin¹; Marta Alice Nelli Bahia².

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – beatrizri Ricci@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Funcionalismo, Psicologia, Testes Mentais, Teste de Inteligência, Escola Funcionalista.

Introdução: O princípio das testagens e das avaliações psicológicas contemporâneas é encontrado na França, no início do século XX. Com o desempenho da tecnologia e os avanços das ciências no geral, a educação pública da Europa se expandiu drasticamente, fazendo com que crianças frequentassem escolas mesmo que suas capacidades mentais não lhe permitissem acompanhar as aulas de maneira significativa. Na esperança de identificar essas crianças para colocá-las em aulas de educação especial, Alfred Binet e seu assistente Theodore Simon, pesquisadores da psicologia funcional, criaram a Escala de Binet-Simon, dividida em testes de inteligência por faixa etária. Historicamente, seus testes tiveram consequências além do distrito escolar; sendo usados mais tarde, nos Estados Unidos para controlar imigrantes que vinham da Europa e, posteriormente, servindo de base para a implementação dos testes de QI. (GOODWING, C.J., 2010 & COHEN, J. R.; SWERDLIK, E. M; STURMAN, D. E., 2014).

Objetivos: O objetivo do presente estudo é revisar e introduzir a literatura sobre os testes de inteligência aplicados durante a escola funcionalista.

Relevância do Estudo: Este estudo busca informar de forma rápida e sucinta a introdução dos testes de inteligência no sistema de psicologia funcionalista, sua importância e as influências do contexto histórico da época.

Materiais e métodos: Foi realizada uma pesquisa em base de dados, na internet (Bireme, Pubmed, Scielo e Google acadêmico) e na biblioteca das Faculdades Integradas de Bauru.

Resultados e discussões: Psicólogos antecessores a Binet procuraram introduzir outras espécies de testes mentais, mas foi a partir da Escala Binet-Simon que resultados positivos começaram a surgir acerca deste tema. Diferente dos outros, Binet criou uma lista de testagem que fosse dividida por faixa etária e que obtivessem testes voltados especificamente para crianças, ao invés de adultos e universitários (SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E., 2006 & COHEN, J. R.; SWERDLIK, E. M; STURMAN, D. E., 2014).

As crianças de pouca capacidade eram divididas em três categorias: os idiotas, deficientes graves que não tinham capacidade de cuidar de si mesmos; os imbecis, crianças mais capazes mais ainda não independentes e os débeis, crianças que precisavam ser identificadas para serem transferidas para as aulas de educação especial. Chocado com a maneira como as categorias eram divididas, Binet se dedicou a vinte anos de estudos para obter resultados mais sólidos, dando origem aos primeiros testes de inteligência (GOODWING, C. J., 2010). Juntamente de seu assistente, Theodore Simon, Binet começou a aplicar seus testes de forma empírica, identificando dois tipos de grupos de alunos, um normal e um claramente prejudicado. Criaram, por fim, 58 testes incorporando uma faixa etária de 3 aos 13 anos (SCHEEFFER, R., 1962 & SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E., 2006 & GOODWING, C. J., 2010).

Abaixo segue a tabela retirada do livro História da Psicologia Moderna de C. James Goodwin (2010), com alguns dos testes da Escala de Binet-Simon que eram aplicados em crianças de diferentes faixas etárias.

Três anos: a criança deveria ser capaz de mostrar os dentes, nariz, boca, repetir uma oração de seis sílabas e nomear objetos na ilustração
Cinco anos: a criança deveria ser capaz de copiar um quadrado, comparar duas caixas com peso diferente e repetir uma oração de dez sílabas.
Sete anos: a criança deveria ser capaz de copiar uma oração escrita, repetir cinco dígitos e indicar omissões no desenho.
Nove anos: Nomear os dias da semana, reter suas lembranças depois de uma leitura e arrumar cinco pesos na ordem correta.
Onze anos: Criticar orações absurdas, colocar três palavras dadas numa oração, dar definições abstratas.
Treze anos: Diferenciar sentidos das palavras, resolver o problema do triângulo inverso e resolver problema de corte de papel.

Para Binet, dividir por faixa etária foi uma forma de dividir as crianças subnormais das normais. Ele acreditava em nível mental, ou seja, onde uma criança normal com cinco anos seria capaz de realizar os testes de nível mental cinco e uma criança subnormal teria dificuldades e só poderia ir até o nível quatro, por exemplo. Para ele, as crianças que obtivessem resultados num nível mental de dois anos inferior a sua idade real, deveriam ser consideradas fracas e colocadas em turmas especiais. (MARX, M. H.; HILLIX, W. A., 2008 & GOODWING, C. J., 2010). Binet acreditava que a inteligência era multifacetada. Além disso, ele também acreditava que, dentro dos limites amplos, os níveis mentais poderiam aumentar com treinamento. (GOODWING, C. J., 2010 & SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S. E., 2006). Após o sucesso dessa testagem, um psicólogo norte-americano de *Vineland Training* chamado Henry G. Goddard tornou-se um dos maiores defensores das testagem de Binet, foi o responsável pela adequação da mesma para a aplicabilidade no controle de imigrações, afim de evitar que mais pessoas consideradas “menos capacitadas” entrassem no país. Apenas as pessoas que estavam na terceira classe dos barcos que chegavam da Europa e de outros países em crise, como Rússia e Hungria, eram testadas.

Conclusão: Apesar dos testes de inteligência ter se iniciado no século XX na França, em uma época com pouco conhecimento sobre a mente humana e a psicologia em geral; percebe-se que estes tinham uma visão de certa forma, preconceituosa e discriminativa. Os testes de inteligência são considerados como uma das ferramentas mais utilizadas no campo da psicologia. Foi a partir deles que os testes de QI foram criados, tornando-se um dos testes mais famosos do mundo. Com o passar dos anos, os testes de inteligência sofreram alterações, adequações e melhorias técnica e ética para a sua aplicabilidade na psicologia em geral.

Referências

- COHEN, R. J.; SWERDLIK, M. E.; STURMAN, E. D. (2014). **Testagem e Avaliação Psicológica – Introdução a Testes e Medidas**. 8, ed. Porto Alegre: Artmed
- GOODWIN, C. J. (2005). **História da psicologia moderna**. 4, ed. São Paulo: Cultrix.
- MARX, M. H.; HILLIX, W. A (2008). **Sistemas e Teorias em Psicologia**. 3, ed. São Paulo: Cultrix.
- SCHEEFFER, R. (1962). **Introdução aos testes psicológicos**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- SCHULTZ, D. P., SCHULTZ, S. E. (2000). **História da psicologia moderna**. 9, ed. São Paulo: Cultrix

OFICINAS DE CONSTRUÇÃO ARTÍSTICA REPRESENTATIVAS DA TRAJETÓRIA E DO ENFRENTAMENTO DE MULHERES NA SUPERAÇÃO DO CANCER DE MAMA

Suzana Mara Julião¹; Profa. Dra. Luciana M. Biem Neuber²; Andréia Barbosa de Lima³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – suzanamara@hotmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - deialimapsico@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, câncer de mama, oficinas, enfrentamento, escuta empática.

Introdução: O câncer de mama é considerado mundialmente o mais comum dentre os cânceres femininos. É responsável pela segunda maior causa de mortes de mulheres no Brasil, sem contar as consequências físicas e psíquicas representadas por mutilações e prejuízos graves em relação à autoestima, à autoimagem e à sexualidade. Gerador de sofrimento biopsicossocial, o câncer preocupa profissionais de diferentes áreas da saúde, que buscam alternativas para sua prevenção e tratamento (GOMES, 2000; RUIZ FLORES et.al. 2001; NEUBER, 2010). O grupo Amigas do Peito de Bauru é uma entidade formada exclusivamente de voluntários que se propõe a trabalhar na divulgação de formas preventivas e acolhimento de mulheres portadoras de câncer de mama. O trabalho em grupo é um tipo de intervenção muito utilizado na prática da psicologia oncológica. A literatura especializada traz fortes evidências da eficácia da grupoterapia com pacientes com câncer. Melo Filho (1997), citando Irvin Yalom, define algumas características exclusivas dos trabalhos com grupos psicoeducativos e psicoterápicos que contribuem para sua eficácia: compartilhar informações, universalidade de conflitos, altruísmo, comportamento identificativo, aprendizagem interpessoal, coesão grupal e catarse. A criação artística é um caminho pelo qual cada indivíduo pode encontrar novas possibilidades de expressão para processar, elaborar e redimensionar dificuldades e conflitos de sua vida (Walter Melo 2001).

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio da disciplina de Estágio Básico III e IV do curso de psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), com proposta de elaborar e desenvolver projeto na área de psicologia social, com foco grupal voltado para a população de mulheres, em diferentes fases do tratamento de câncer de mama, que frequentam o Grupo Amigas do Peito de Bauru. Os objetivos foram: promover um espaço de escuta empática para com a realidade vivenciada no processo de adoecimento, tratamento e pós-tratamento do câncer de mama; favorecer a expressão individual do processo de enfrentamento da doença e promover o compartilhar ao desenvolverem produções artísticas coletivamente; possibilitar o trabalho positivo de reconhecer a força interna no processo de enfrentamento e superação da doença.

Relevância do Estudo: Ao realizar estágio na área de psicologia social no segundo semestre do ano de 2018, no Grupo Amigas do Peito de Bauru, e acompanhar o trabalho das Oficinas promovidas pelo Projeto Fortalecer desenvolvido pela psicóloga voluntária, foi levantada a possibilidade de construir com as mulheres participantes das oficinas a confecção de produções artísticas que representem a sua história de enfrentamento.

Materiais e métodos: O projeto foi desenvolvido e aplicado por uma estagiária do curso de psicologia da FIB, sob a supervisão e orientação da docente responsável pela disciplina da

faculdade e a psicóloga voluntária do Grupo Amigas do Peito de Bauru. Para sua aplicação, foram realizadas oficinas abertas para mulheres em diferentes fases do tratamento do câncer de mama. As oficinas contaram com o recurso técnico de produção artística como símbolo da história de enfrentamento de cada participante. Os encontros aconteceram aos sábados, na sede do Grupo Amigas do Peito de Bauru, com duração de uma hora e meia cada, no período de agosto a novembro do ano de 2018.

Resultados e discussões: No trabalho realizado às mulheres com diagnóstico de câncer de mama em diferentes momentos do tratamento e pós-tratamento, foi possível perceber a partir dos depoimentos que foram dados pelas participantes no decorrer das oficinas, envolvimento, dedicação, entusiasmo, ânimo, alegria, satisfação e fortalecimento emocional. Verificou-se que a oportunidade de construir uma representação simbólica proporcionou entrarem em contato com a história de enfrentamento do câncer de mama ao ressignificar o processo da doença e do adoecimento permitindo abertura para novas possibilidades e amenizando as consequências negativas, tanto físicas quanto psicológicas. O trabalho desenvolvido reforça o que as pesquisas mostram sobre o quanto é importante para a qualidade de vida de mulheres acometidas pelo câncer de mama intervenções psicossociais como as oficinas realizadas no grupo Amigas do Peito. Outro benefício da atuação de processos grupais psicoeducativos e psicoterapêuticos é a participação mais ativa e positiva da paciente frente ao tratamento da doença, resultando em uma melhor adesão, podendo evitar assim, o abandono do mesmo. Foi possível perceber que ao fim de cada oficina, as participantes demonstram uma feição mais animada e positiva, confirmando os estudos de Melo Filho (1997) sobre a eficácia e resultado benéfico do trabalho grupal. A autora Gimenez (1998) destaca que significados e interpretações acerca do câncer e das situações que lhe estão associadas interferem no processo de enfrentamento e na adaptação às diferentes fases do desenvolvimento e tratamento da doença. Pesquisas mostram que as intervenções psicossociais influenciam positivamente no ajustamento emocional e funcional da paciente e aliviam os sintomas adversos decorrentes do câncer e do seu tratamento. As atividades terapêuticas nestes espaços podem ser expressivas, físicas, de linguagem e de arte livre com a finalidade de possibilitar e ampliar os meios de tratamento e reabilitação dos pacientes, já que estimula o cognitivo, o afeto, a autoestima, a interação grupal, proporcionando melhor qualidade de vida, segundo KANTORSKI LP (2011).

Conclusão: Oficinas grupais são ferramentas fidedignas e eficazes para o enfrentamento e superação do adoecimento ao promover um espaço de escuta empática, de compartilhar o processo das etapas do tratamento e pós-tratamento, e identificação coletiva para o fortalecimento individual e grupal.

Referências

GIMENEZ, M. G. **A Mulher e o Câncer**. Editorial Psy, São Paulo, 1998.
MELLO FILHO, J. Grupos com pacientes somáticos: 25 anos de experiência, 1997
MELO, W. *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

NEUBER, L.M.B. **Sociodrama e prevenção do câncer de mama em mulheres com conflitos conjugais e familiares**. Botucatu: 2010. Tese de Doutorado, UNESP

RUIZ FLORES P. et al. **Genética del cáncer de mama. BRCA Y BRCA**: los principales genes del predisposición a la enfermedad/ Breast cancer genetics BRCA1 and BRCA2: the main susceptibility genes. Rev. Invest. Clin.

KANTORSKI LP, Coimbra VCC, Demarco DA, Esabão AD, Nunes CK, Guedes AC. **A importância das atividades de suporte terapêutico para o cuidado em um Centro de Atenção**. Rev Enferm Saúde. 2011 jan/mar;1(1):4-13.

A REPRESENTAÇÃO E O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS CÂNCER DE MAMA E PSICOLOGIA, PARA A POPULAÇÃO PARTICIPANTE DA AÇÃO SOCIAL DE ABERTURA DA CAMPANHA OUTUBRO ROSA NA CIDADE DE BAURU

Letícia Sabino¹; Lays Stefani da Cruz²; Profa. Dra. Luciana M. Biem Neuber³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leticia_sab@hotmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB lasthefanie@hotmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, câncer de mama, ação social, conscientização.

Introdução: O outubro rosa tem como objetivo a conscientização da população e luta contra a neoplasia de mama. O movimento iniciou-se nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 2002, quando o monumento Mausoléu do Soldado em São Paulo foi iluminado de rosa para chamar atenção da sociedade sobre o tema, e então, a iniciativa repercutiu pelo país. (GUTIERREZ e ALMEIDA 2017). De acordo com o site Grupo Amigas do Peito, a ONG foi criada em 2003 pelo Dr. William Davila Delgallo; a princípio com o intuito de realizar reuniões com suas pacientes que passavam pelo tratamento de câncer. E se formalizou legalmente em 2008, desenvolvendo ações de assistência e prevenção ao câncer de mama. O grupo atualmente realiza eventos de conscientização e prevenção da doença orientando e auxiliando no tratamento das portadoras de neoplasia de mama. O câncer é uma doença multidimensional, tem um alto número de incidência e letalidade, por isso é considerado um problema de saúde pública. Seu tratamento geralmente ocasiona graves sequelas físicas e psicológicas. O diagnóstico da doença traz consigo uma forte carga emocional para o paciente e sua família, fazendo-se necessário um amparo psicossocial durante o todo tratamento (COUTO, 2017 et al). O câncer de mama está entre um dos mais temidos entre as mulheres, devido ao grande índice de casos e os efeitos psicológicos que causam, como alterações na sexualidade, imagem corporal, ansiedade, dor e autoestima (SILVA, 2011 et al). A falta de informação das mulheres em relação ao autoexame é um grande fator da detecção tardia da doença, por sua vez dificultando a eficácia do tratamento. A detecção precoce é realizada com o autoexame e exames por imagem como mamografia e ultrassonografia, quando o caso é diagnosticado precocemente a paciente tem então grandes chances de eficácia no tratamento e preservação da mama (COUTO, 2017 et al). O papel do psicólogo em meio ao tratamento contribui para o bem estar psicológico da paciente e da família, garantem diminuição significativa de distúrbios emocionais, melhor ajustamento a doença e adesão ao tratamento; o que por sua vez gera consequências melhores resultados e qualidade de vida em meio ao tratamento (VENÂNCIO, 2004).

Objetivos: Possibilitar aos alunos do curso de psicologia da FIB a experiência de acolher, através da escuta empática os relatos da população sobre a representação e o significado da palavra câncer de mama e psicologia.

Relevância do Estudo: A campanha outubro rosa visa conscientização da população no diagnóstico precoce do câncer de mama e a importância do cuidado com a saúde. Várias áreas da saúde fazem parte da equipe de profissionais envolvidos no processo de prevenção, diagnóstico, tratamento e pós-tratamento. Possibilitar aos graduandos, em psicologia, a experiência de desenvolver a escuta empática e acolher a população contribui com a formação profissional respaldada no comprometimento ético e responsabilidade social.

Materiais e métodos: Participaram da ação social sete alunos do curso de psicologia da FIB, ocorrido no dia trinta de setembro do ano de 2018, das doze às dezoito horas no SESI da cidade de Bauru. O evento foi gratuito, organizado pelo Grupo Amigas do Peito de Bauru com o objetivo de realizar a abertura da campanha outubro rosa e contou com a participação de inúmeras atividades voltadas para a população. Foi montado um stand, no pátio do SESI, com quatro bancos de madeira coloridos, um tapete, uma mesa de apoio lateral com um vaso de flores cor de rosa, canetas com tons de rosa, cartolinas na cor rosa e na cor branca, um banner do curso de psicologia da FIB. O ambiente descrito foi planejado com a finalidade de representar o papel da psicologia como área de escuta, acolhida e compreensão enquanto campo de atuação profissional. Os alunos abordavam gentilmente a população, perguntavam sobre qual o significado que atribuíam para a palavra câncer de mama. Após ouvir o relato pediam que escolhessem uma palavra que representasse a resposta dada e escrevessem na cartolina que estava fixada no stand. Em seguida a mesma orientação era dada em relação a palavra psicologia.

Resultados e discussões: Apesar dos avanços científicos, as representações sociais envolvidas no diagnóstico de um câncer ainda assustam e amedrontam diferentes grupos sociais. Grande parte das mulheres ao receber o diagnóstico de câncer de mama, associa-o a sentimentos de punição, enfatizando os aspectos negativos diretamente relacionados com a doença (NEUBER, 2010; SILVA, 2011). Neste trabalho foi possível observar no relato das pessoas associação da palavra câncer de mama não só com conotação temerosa, porém algumas palavras como superação, enfrentamento, fé e esperança fizeram parte do significado representativo. Pode-se supor que as campanhas informativas contribuem para o esclarecimento e diminuição do temor envolvidos no adoecimento. De acordo com Gutierrez e Almeida (2017), o objetivo do outubro rosa é conscientizar a população na luta do diagnóstico precoce e possibilidade de tratamento com bons resultados. As pessoas abordadas em sua maioria relataram que quando pensam no papel da psicologia no tratamento do câncer de mama, remetem a um suporte e amparo essencial em meio ao tratamento; já que nesse período as pacientes ficam extremamente frágeis e vulneráveis. A literatura aponta o quanto o papel da psicologia avança e conquista espaço de atuação associado a auxílio, bem estar, saúde mental, acolhida, enfrentamento. Segundo Vênancio (2004), o auxílio psicológico se faz indispensável para a paciente e sua família, acarretando melhores resultados e bem estar em meio ao tratamento.

Conclusão: Foi possível constatar a relevância das campanhas atuais que possibilitam acesso da população a informações, resultando no diagnóstico precoce; esclarecimento de dúvidas; redução da ansiedade e medo em relação a doença acarretado por falta de informações sobre a prevenção; tratamento e o que de fato se consiste o câncer de mama.

Referências

- GUTIERREZ, M. G. R; ALMEIDA, A. M. **Editorial outubro rosa**. 2017. p. 3-5.
- COUTO, V. B. M; SAMPAIO, B. P; SANTOS, C. M. B; ALMEIDA, I. S; COELHO, F. L. P; MENEZES, T. A. M; Guzman, J. L. D. **“Alem da mama”: o cenário do outubro rosa no aprendizado da formação medica**. Ilheus, BA. 2017. p. 30-37.
- NEUBER, L.M.B. **Sociodrama e prevenção do câncer de mama em mulheres com conflitos conjugais e familiares**. Botucatu: 2010. Tese de Doutorado, UNESP.
- SILVA, P. A; RIUL, Sueli. S. **Câncer de mama: fatores de risco e detecção precoce**. Rev. bras. enferm. vol.64 no.6 Brasília Nov./Dec. 2011.
- Grupo Amigas do peito de Bauru. Acesso em 29outubro,2018.<http://www.amigasdopeito.com/amigas-do-peito.html>
- VENÂNCIO, J. L. **Importância da atuação do psicólogo no tratamento de mulheres com câncer de mama**. Revista brasileira de cancerologia. 2004. p.55-63

SEXUALIDADE E GÊNERO NAS PRÁTICAS CLÍNICAS DE ORIENTAÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS

Leonardo Peres Navarro¹; Dr. Florêncio Mariano da Costa Junior²;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leonardoperes@msn.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
mcostajunior@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, sexualidade, gênero, comportamental, cognitivo-comportamental, terapia.

Introdução: Atualmente, diferentes normas sociais delimitam padrões de comportamento tipicamente masculinos ou femininos e se sustentam em esquemas binários entre sexo biológico, gênero e orientação sexual. Tais normas organizam mecanismos sociais baseados na política da diferença (LOURO, 2001). Miguel V. de Almeida aponta dois momentos importantes que influenciaram pensamento sobre o sexual do século XIX. A teoria de Darwin, e a publicação *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing que descreve o sexo como um instinto natural que exige satisfação (ALMEIDA, 2003). Em paralelo, havia a crítica de Marx à constituição da família. Engels argumenta sobre a família monogâmica dominada pelo homem, baseada na única função de procriar (ENGELS, 1884). No início do século XX, a psicanálise de Freud questiona o conceito de sexualidade, esses argumentos sugerem, entre outras coisas, que a natureza da identidade e as necessidades sexuais são adquiridas e moldadas pelas regras da cultura, através do desenvolvimento psico-social (WEEKS, 1996). O debate feminista expande a produção de conhecimento científico e articula proposições que buscam romper normas binárias e defender a diversidade sexual e de gênero (HARAWAY, 1995). Nesse horizonte, Donna Haraway, postula conceito de gênero como uma contestação da naturalização das diferenças sexuais. Ela emprega a noção de construção em relação ao gênero, ou seja, uma ótica construcionista (HARAWAY, 1995). Essa ótica considera que as características biológicas (o corpo) são estabelecidas na cultura, afetadas pela linguagem e valores (LOURO, 2007). A partir desse horizonte é possível a distinção entre gênero e sexo (ALMEIDA, 2003). O construcionismo social é adotado pela maioria dos estudiosos da sexualidade (LOURO, 2007). Grande parte dessa expansão deve-se a Michel Foucault, evidente em sua obra “História da Sexualidade” (LOURO, 2007). Foucault (1976) entendia que a sexualidade é um dispositivo histórico, portanto, não se deve entendê-la como um dado da natureza (FOUCAULT, 1976). Hoje, a sexualidade assume a esfera da afetividade e intimidade, sendo vista como uma experiência pessoal importante na construção do sujeito. Ela é determinante na construção tradicional da masculinidade e da feminilidade, impondo regras diferentes entre os sexos (BOZON, 2004). O cenário antagonista homem-mulher defende que o indivíduo é determinado unicamente pelas características do corpo (LOURO, 2007). Menezes e Brito (2007), apoiadas em perspectivas evolucionistas, criticam perspectivas que defendem que a sexualidade estaria em função da procriação. As autoras ressaltam a afirmação que o padrão sexual predominante nos animais é a bissexualidade. O prazer, comportamento selecionado que possui um valor de sobrevivência, contribui na formação de vínculos, conseqüentemente, aumenta a probabilidade de sobrevivência da prole, desta forma Menezes e Brito (2007), defendem que a atividade sexual pode ocorrer de diversas formas. Por outro lado, as exigências sociais impõem normas, o que ocasionaria a adoção da exclusividade de um papel sexual.

Objetivos: Conhecer as concepções de psicoterapeutas comportamentais e cognitivo-comportamentais sobre sexualidade e gênero.

Relevância do Estudo: Considerando a relevância em produzir dados sobre as práticas psicológicas direcionadas às demandas da sexualidade e às questões de gênero, e os poucos

estudos produzidos no campo da psicologia comportamental, este estudo almeja investigar as concepções sobre sexualidade e gênero nas práticas clínicas de psicólogos/as comportamentais.

Materiais e métodos: A pesquisa, por meio de uma pesquisa de levantamento caracterizada como qualitativa-exploratória, buscará investigar sexualidade e gênero nas práticas clínicas de orientação cognitivo-comportamentais.

Resultados e discussões: Levando em consideração que a maioria dos terapeutas comportamentais são psicólogos clínicos (CABALLO, 1996), a Análise do Comportamento vem a ser uma ferramenta útil na superação de problemas relacionados a essa temática (MIZAEL, 2018). Para Kazdin (1996), a Terapia Comportamental se formaliza nos anos 60, desde então, ela passou por diversas mudanças. Contudo, no âmbito da sexualidade, existe pouca produção científica nesse campo (MIZAEL, 2018). Uma das possíveis explicações analítico-comportamental para sexualidade é postulada por Malott (1996). O autor estabelece a distinção entre o comportamento sexual e valores sexuais. De acordo com Malott, a estimulação física é um reforço natural, desta forma, podemos ser reforçados pela estimulação sexual de praticamente qualquer fonte, e o valor que atribuímos à fonte dessa estimulação é condicionado através de um controle aversivo. Por sua vez, a aversão à esses estímulos é adquirida por meio de sutis análogos verbais ao emparelhamento. É por meio da história comportamental que focamos em determinado comportamento sexual relacionado a fontes específicas de estimulação sexual (MALOTT, 1996). Dentro dessa perspectiva, Malott defende a não patologização da orientação sexual. Entretanto, baseado em estudos de Barlow, Reynolds, & Agras (1973), o autor sugere uma possível intervenção comportamental para reverter às aversões que orientam a sexualidade. Nesse mesmo sentido, Carvalho (2011) propõe um estudo que busca analisar as práticas e a produção de conhecimento que consideram a homossexualidade como um desvio em artigos publicados em uma das principais revistas de Análise do Comportamento, JABA. A pesquisa salienta a falta de consenso dos analistas do comportamento em relação aos conceitos de orientação sexual (MIZAEL, 2018). Para APA (American Psychological Association) esse tipo de terapia não é eficaz, desta forma, é pouco provável que se reduza atração por alguém do mesmo sexo, ou então, desenvolva atração pelo sexo oposto (MIZAEL, 2018).

Conclusão: O estudo da sexualidade também deve ser considerado campo teórico e político (LOURO, 2000). A sexualidade e gênero são campos pouco explorados na psicologia comportamental, entretanto, estudar esses conceitos sobre uma orientação comportamental é de suma importância para o psicólogo, uma vez que este deve embasar suas práticas nessas teorias.

Referências

- ALMEIDA, V. A. M.; Antropologia e Sexualidade Consensos e Conflitos Teóricos em Perspectiva Histórica, Revista A Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar, v. 2, p 53-72, 2003.
- BOZON, M.; **Sociologia da Sexualidade**, 1ª ed. Rio de Janeiro. FGV, 2004.
- FOUCAULT, M.; **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
- LOURO, G. L.; Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas, **Educação em Revista**, n. 46, p. 201-218, 2007.
- MALOTT, Richard W. **A Behavior-Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality, and Heterosexuality**. Behavior and Social Issues, [S.l.], dec. 1996. ISSN 1064-9506. Disponível em: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/288>>.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A SOLUÇÃO PARA O SOFRIMENTO DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES

José Wellington Mazzeto¹; Graciele Cardoso Lino²; Miriam Ribeiro³; Raquel Oliveira⁴, Profa. Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB wellintonmazeto@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – graci_lino@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mribeiro1008@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com;

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: trabalho; sofrimento; saúde; inteligência emocional

Introdução: O trabalho é algo de extrema importância na vida do ser humano e ocupa um espaço significativo. Um profissional que tem clareza sobre suas emoções e sentimentos, tem muito mais chances de alcançar o sucesso, do que aquele que vive estressado e não tem controle sobre suas emoções. Seria a inteligência emocional uma ferramenta, para a solução do sofrimento no trabalho, na tentativa de responder a esse questionamento, pautamos a construção do presente trabalho.

Objetivos: O presente trabalho buscará analisar a importância da inteligência emocional no ambiente de trabalho, e compreender as diferentes formas das relações profissionais e situações estressantes que impactam negativamente na saúde do trabalhador.

Relevância do Estudo: É de suma importância que profissionais de uma empresa, sejam gestores, colaboradores ou terceirizados saibam identificar os sentimentos e emoções em determinadas situações de trabalho, afim de responde-la da melhor forma possível, resultando numa relação positiva e um ambiente de trabalho mais saudável. Sendo o ambiente de trabalho cenário recorrente para muitas manifestações de comportamento, e influem negativamente na saúde de muitos colaboradores, impactando até mesmo nos resultados que é esperado pela empresa.

Materiais e métodos: Este trabalho foi realizado através de pesquisas na base de dados Psicologia.PT, no período de 2003 a 2018, sendo selecionado (8 artigos) com tema “trabalho” e “sentido do trabalho”.

Resultados e discussões: O trabalho nos dias atuais, é visivelmente valorizado em demasia pela política neoliberal. O ócio passou a ser considerado um pecado capital, e o trabalho, em contrapartida, tornou-se um dever moral, de grande valor para a sociedade. (PERES & COL., 2003). As dimensões do trabalho podem ser classificadas em: **psicológica**, que se refere ao trabalho como construção de identidade, de representação da subjetividade e realização pessoal; **social**, que denota um papel social e uma forma de inserção na sociedade por meio do trabalho, sendo uma forma de sociabilidade humana; **econômica**, que designa o trabalho como meio de sustentação econômica e material; e por fim, a **ontológica**, que pode ser caracterizada como forma de se humanizar, de se distinguir da atividade instintiva animal (BARROS & OLIVEIRA, 2009). No mundo contemporâneo o trabalho pode significar também sofrimento. Este gerado por atos de violência, como o assédio moral, capaz de instaurar um pacto de tolerância e silêncio coletivos quanto ao gradativo desequilíbrio e fragilização da vítima. Este, aos poucos, perde sua autoestima, duvida de si mesma e sente-se mentirosa à medida que se vê desacreditada pelos outros. (BOBROFF E MARTINS, 2013). Para Costa

(2013), esse fenômeno provém de uma sociedade moderna, onde se evidencia a competição agressiva, fazendo com que o colaborador se sinta obrigado a corresponder padrões e em seguida, naturalizá-los em seu comportamento e estilo de vida. Isso acontece por conta da necessidade de se garantir no mercado de trabalho e por consequência, fazendo com que o mesmo não tenha qualidade de vida, adquirindo então, inúmeros problemas psicológicos e de ordem física. Em contrapartida, é preciso tratar as questões do trabalho com um viés mais positivo, permeando assuntos que valorizam essa área e possibilitem aos trabalhadores a serem melhor sucedidos no âmbito organizacional, a fim de promover a qualidade de vida e saúde. Podemos mencionar a inteligência emocional como fundo, para que esse indivíduo venha a se destacar no mercado de trabalho e se sentir mais satisfeito com sua atuação. Ela se caracteriza como o monitoramento de sentimentos e emoções em si mesmo e nos outros, evidenciando características pessoais como: afabilidade, compressão e gentileza, utilizando dessas informações para guiar o pensamento e as ações. Nessa esfera também estão ligadas algumas habilidades básicas, como: autoconsciência, automotivação, autocontrole, empatia e sociabilidade, possibilitando esse colaborador a habilidade de exercer influência, ocorrendo de modo socializado e coerente com o objetivo coletivo, contribuindo de forma integral no crescimento e no desenvolvimento da empresa. (CORTIZO & ANDRADE, 2018). É interessante perceber que existem inúmeras formas de promover a saúde psíquica e física no trabalhador, sendo elas, responsabilidade dos gestores e líderes e com isso, a conscientização de todos os outros colaboradores, para que essa possa se manter e ser estabelecida como uma cultura da empresa, apresentando transparência e equidade na forma de conduzir e gerenciar a organização. (BARROS & OLIVEIRA, 2009).

Conclusão: O trabalho pode ter muitos significados na vida das pessoas, fonte de prazer, satisfação e dignidade, e para outros torna-se tortura sofrimento e punição. Evidenciou-se a importância do trabalho independente do significado. Entretanto lidar com ele e com tudo que o envolve, requer habilidades do colaborador em responder a diferentes situações de forma positiva. Enfim é papel dos líderes e gestores ajudarem seus colaboradores a desenvolver habilidade e competências relacionadas a inteligência emocional.

Referências

BOBROFF, Maria Cristina Cescatto Bobroff; MARTINS, Júlia Trevisan **Assédio moral, ética e sofrimento no trabalho**. Rev. bioét. (Impr.). 2013; 21 (2): 251-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n2/a08v21n2.pdf>. Acesso em 14 out 2018

SANTOS, Renato Caio Silva; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. **Quando as imagens falam: definição, estruturação de campo e usos da arte terapia**. Psicologia.pt. O portal dos psicólogos. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1100.pdf> . Acesso 14 out 2018.

CORTIZO, Maria Luiza da Cruz; ANDRADE, Rafaella. **A relação entre a inteligência emocional e a vida profissional**. Psicologia.pt. O portal dos psicólogos. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0443.pdf> Acesso 14 out 2018.

MATOS, Daniela. **O impacto do desemprego e a saúde psicossocial**. Psicologia.pt. O portal dos psicólogos. 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1165.pdf> Acesso 14 out 2018.

COSTA, Johnathan da Silva. **Assédio moral no trabalho: compreendendo para desmentificar**. Psicologia.pt. O portal dos psicólogos. 2013. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0686.pdf> Acesso 14 out 2018.

O PAPEL DO PSICÓLOGO ATUANTE NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Talita Egea ¹; Andréia Barbosa de Lima ²; Luciana Maria Biem Neuber ³; Nathália Neme Soto ⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – talita_egea@yahoo.com.br ;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - deialimapsico@yahoo.com.br

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com

⁴Psicóloga do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – Avaí -

nathalianeme@hotmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: psicologia social, cras, oficina, assistência social.

Introdução: O trabalho da psicologia associado de maneira restrita à psicoterapia, ainda é uma realidade existente. Porém, o final dos anos de 1970 foi marcado por mudanças na concepção da profissão, a qual passou a ter como norte de sua prática o compromisso social (CFP, 2011). A política pública de assistência Social funciona de maneira conjunta com as políticas setoriais, tendo em vista as desigualdades sociosetoriais, objetivando seu enfrentamento, garantia dos mínimos sociais, provimento de condições atender contingências sociais e à universalização dos direitos sociais (PNAS, 2004). O papel do psicólogo atuante na assistência social fundamenta-se no fortalecimento dos usuários enquanto sujeitos de direitos, assim como no fortalecimento das políticas públicas, cujas são um aglomerado de ações coletivas geridas e implementadas pelo Estado, tendo como objetivo a garantia dos direitos sociais, orientando-se por meio dos princípios de impessoalidade, universalidade, economia e racionalidade. Suas práticas devem ser desenvolvidas com o objetivo de compreender e intervir sobre os processos e recursos psicossociais, estudando as particularidades e circunstâncias e que ocorrem, ao invés de categorizar, patologizar e objetificar as pessoas atendidas (CREPOP, 2007).

Objetivos: Elaborar e desenvolver projeto na área de psicologia social, com foco grupal voltado para a função desempenhada pelo psicólogo na política de assistência social, inicialmente orientado para equipe técnica, membros da rede socioassistencial e após, para a população de usuários dos grupos sócioeducativos, participantes do CRAS na cidade de Avaí. O foco se estabelece na ampliação da compreensão e percepção que os referidos acima têm a esse respeito.

Relevância do Estudo: Ao realizar estágio na área de psicologia social no segundo semestre do ano de 2018, no Centro de Referência de Assistência Social, e acompanhar a rotina da psicóloga Nathália foi levantada a necessidade dos alunos oferecerem um projeto voltado para a equipe técnica e população específica de usuários desta unidade. Verificou-se a necessidade de trabalhar a função desempenhada pelo psicólogo no CRAS, como tema principal, mediante a observação da escassez de informações e compreensão a nível coletivo sobre o tema.

Materiais e métodos: O presente trabalho é uma iniciativa da disciplina “Estágio Básico III e IV” da FIB sob a orientação e supervisão da docente do curso de psicologia e da técnica de referência (psicóloga) do CRAS de Avaí como supervisora local do estágio, estendendo-se período compreendido entre agosto e outubro de 2018. Foram realizadas cinco oficinas, pois estas utilizam informação e reflexão, trabalhando também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido (AFONSO, 2010). As oficinas foram fechadas, e com duração de uma hora e meia cada. Os participantes foram a equipe técnica do CRAS, Conselho Tutelar e usuárias dos grupos sócioeducativos. Foi utilizado como

material para as oficinas folhas de papel A4, tesoura, Caneta esferográfica, fita adesiva e pranchetas.

Resultados e discussões: A vivência das oficinas propiciadas pelo estágio supervisionado possibilitou identificar o que os grupos compreendem acerca da psicologia e do papel do psicólogo, norteando os próximos passos para a elaboração de mais cinco oficinas com intuito de divulgar a função do psicólogo no centro de referência de Assistência Social, porta de entrada da assistência social, que se localiza geralmente em áreas onde a vulnerabilidade é maior (MDS, 2015). O trabalho do psicólogo pode contribuir para ajudar na reflexão sobre as dificuldades, no resgate da autoestima e no ato de criar e recriar projetos de vida que facilitem a transformação social e a emancipação humana. Suas ações podem, portanto, facilitar o reconhecimento por parte dos usuários de sua responsabilidade para com suas histórias proporcionando o desenvolvimento da autonomia e protagonismo. (DENTZ E OLIVEIRA, 2013). As cinco primeiras oficinas desenvolveram-se da seguinte forma, iniciamos com a apresentação do projeto, explicação de sua finalidade e cronograma, após foi desenvolvida a dinâmica de quebra gelo “Uma palavra de encorajamento” e desenvolvimento do tema “O que é psicologia para você?” “O que você compreende por psicologia?” “Como a psicologia pode ajudar”? As respostas foram compartilhadas com o grupo e diante disso, a estagiária pergunta se as participantes já vivenciaram a busca por um profissional de psicologia. A partir de respostas positivas, houve o compartilhamento das experiências. O fechamento é realizado solicitando que expressem sentimentos ao final da oficina.

Conclusão: A realização das oficinas possibilitou identificar a escassez de informações a respeito da psicologia, assim como da função do psicólogo. Foi relatada em todos os grupos a experiência de busca por ajuda desse profissional pelos próprios participantes ou membros de sua família. O feedback foi positivo, ao passo que todos os grupos agradeceram a iniciativa, expressando sua importância e a satisfação pelo privilégio de participação.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Como os psicólogos e psicólogas podem contribuir para avançar o sistema único de assistência social (suas) - informações para gestores e gestoras. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/12/gestoressuasfinal.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Política nacional de assistência social - pnas/2004 norma operacional básica - nob/ suas. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/normativas/pnas2004.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **referências técnicas para a atuação do (a) psicólogo (a) no cras/ suas.** Disponível em: <<http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/artes-graficas/arquivos/2008-crepop-cras-suas.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

AFONSO, Maria Lúcia M.. **Oficinas em dinâmica de grupos:** Um método de intervenção psicossocial. 3 ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2010. 172 p.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Centro de Referência de Assistência Social - Cras.** 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/idades-de-atendimento/cras>>>. Acesso em: 28 Set. 2017.

DENTZ, Karin Kelly Massinhani Von; OLIVEIRA, Eva Lúcia Da Costa. O PSICÓLOGO NO CRAS: UMA NOVA EXPERIÊNCIA. **Psicologia em foco**, [S.L.], v. 5, n. 5, p. 1-19, jul. 2013.

O BRINQUEDO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO NO PROCESSO DE LUDODIAGNÓSTICO

Liliana Aguirre¹; Leticia Sabino²; André Marcelo³; Thomas Duarte⁴; Daniela Garcia Bandeca Schwingel⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lilianamercedes@live.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leticia_sab@hotmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – and_Mcp@hotmail.com

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB thomas_duarte@hotmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, avaliação psicológica, entrevista lúdica

Introdução: A Avaliação Psicológica constitui-se como uma das práticas mais realizadas pelos psicólogos no Brasil, independente da sua abordagem ou área de atuação, seja na clínica, em instituições, empresas ou escola; e o atendimento a criança se estabelece como uma das principais atividades dos psicólogos brasileiros, sendo o Ludodiagnóstico uma das técnicas predominantes no processo de avaliação infantil, conforme afirma HUTZ, 2016. O brincar simboliza o mundo interno da criança, bem como as brincadeiras traduz as repetições de tudo o que na vida lhes causou profunda impressão (AFFONSO, 2012).

Objetivos: O presente estudo teve por objetivo realizar um levantamento acerca da importância da utilização do brinquedo no processo de Avaliação Psicológica Infantil.

Relevância do Estudo: A importância deste estudo está na elucidação do papel dos brinquedos enquanto instrumento de investigação no processo de Avaliação Psicológica, fazendo minimizar possíveis ideias errôneas e até mesmo fantasiosas no que diz respeito a sua utilização.

Materiais e métodos: A metodologia utilizada foi de estudo bibliográfico, no qual foram selecionadas vinte (20) referências entre livros e artigos científicos consultados nas bases de dados eletrônicas Scielo e Lilacs no período de 2002 a 2017, tendo como descritores: “brincadeiras e brinquedos”; “diagnóstico”, “psicologia” e “avaliação psicológica”.

Resultados e discussões: Segundo Affonso (2012), o Ludodiagnóstico constitui-se de uma técnica geralmente utilizada em situações de psicodiagnóstico infantil. É uma prática comumente utilizada pelo psicólogo no primeiro encontro com a criança, após entrevista com os pais, no processo de psicodiagnóstico, como uma das etapas de um conjunto de técnicas e testes utilizados para o diagnóstico infantil. Consiste em uma técnica expressiva projetiva que favorece a expressão segundo as variáveis de personalidade do sujeito, permitindo a compreensão dos referenciais por este utilizado.

O método projetivo traduz-se de informações indiretas, como meios de acesso às vivências internas, aos conflitos e desejos do sujeito, as quais este não consegue acessar ou expressar de forma direta. O brinquedo exerce, desta forma, o papel de mediador do processo Ludodiagnóstico, e proporciona a oportunidade de auto-expressão sem depoimento verbal direto, conforme AFFONSO (2012), citando ANZIEU (1978).

A sala de atendimento deve estar devidamente preparada para a técnica, proporcionando à criança um ambiente tranquilo, com espaço suficiente para a realização da brincadeira, em

que ela possa brincar livremente e sentir-se segura e confortável no *setting*. Os materiais são bastante variados e devem ser escolhidos de acordo com o objetivo da avaliação, a idade do sujeito avaliado e a teoria e experiência do avaliador; ademais, é permitido à criança trazer para a sessão o brinquedo que quiser. Pode-se fazer a escolha do material também de acordo com o referencial trazido pelos pais ou cuidadores na entrevista de anamnese. Quanto a natureza do material, estes podem ser estruturados ou não estruturados. Materiais estruturados tem a função de facilitar a expressão, permitindo um rápido acesso a capacidade simbólica da criança considerando que esta é sua forma mais comum de interagir com o mundo no seu dia a dia. São exemplos de materiais estruturados: bolas, armas de brinquedo, famílias de boneco, telefone, aeroporto, posto de gasolina entre outros. Os materiais não estruturados também têm a finalidade de facilitar a expressão infantil principalmente para aquelas crianças que se sentem ameaçadas com o material estruturado, além de permitir expressão da criatividade na sua forma de construção. São exemplos de materiais não estruturados: panos e bacia com água, papel sulfite, tesoura, massa de moldar, apontador, borracha, lápis preto, barbante entre outros (CUNHA, 2000). Os materiais lúdicos, sejam estruturados ou não, permitirão a imaginação de uma realidade dolorosa ou não, ou seja, cumpre um papel da expressão de aspectos positivos ou negativos de suas vivências e que faz parte dos comportamentos esperados num desenvolvimento infantil sadio (AFFONSO, 2011).

Conclusão: A análise dos artigos nos revelou a importância da utilização do brinquedo como instrumento mediador do processo de Psicodiagnóstico Infantil, traduzindo a fala da criança e permitindo ao profissional acessar de forma mais eficaz os conteúdos internos infantis.

Referências

- AFFONSO, R. M.L. Ludodiagnóstico: Análise Cognitiva das Representações Infantis. São Paulo: Vetor, 2011.
- AFFONSO, R. M.L. Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- CUNHA, J.A. Psicodiagnóstico – V, 5ª edição revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HUTZ, C. S. et al. (Org.). Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artmed, 2016
- OAKLANDER, V. Descobrindo Crianças: A Abordagem Gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE PSICOLÓGICO A PACIENTES E FAMILIARES EM CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA

Graciele Cardoso Lino¹; Amanda Toniato²; Maria Celeste Rodelli³;
Luciana Maria Biem Neuber⁴; Andréia Barbosa de Lima⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – graci_lino@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - amandatoniato@yahoo.com.br

³Psicóloga do Hospital Estadual de Bauru - HEB - mrodelli.heb@famesp.org.br;

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psibiem@gmail.com;

⁵Professora do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
deialimapsico@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia hospitalar; centro de terapia intensiva; familiares; grupos

Introdução: A psicologia hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento, esse momento ocorre no encontro entre sujeito e doença (SIMONETTI, 2004). Ao ser hospitalizado, o paciente sofre um processo de total despersonalização, deixa de ter o seu próprio nome e passa a ser um número de leito ou então, portador de uma determinada patologia (ANGEROMI-CAMON, 2003). Nesse sentido, a psicologia hospitalar tem como principal objetivo minimizar o sofrimento provocado pela hospitalização. Como minimização do sofrimento provocado pela hospitalização, é necessário ainda, abranger não apenas a hospitalização em si, nos termos específicos da patologia, mas principalmente as sequelas e decorrências emocionais dessa condição. (ANGERAMI, 1984). A esfera hospitalar aciona no paciente e na família ansiedades e preocupações que podem interferir no processo de cura, e por essa razão o trabalho em grupo proporciona a esses sujeitos um olhar mais abrangente sobre a situação no qual se encontram.

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio da disciplina de Estágio Básico III e IV do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB). A proposta de intervenção teve como objetivos: acolher os familiares e os acompanhantes dos pacientes internadas no Centro de Terapia Intensiva do Hospital Estadual de Bauru (HEB), com a finalidade de promover a conscientização do seu papel como facilitador no processo de tratamento; promover um espaço de escuta empática para que possam compartilhar sentimentos, dúvidas e questões envolvidas no processo de hospitalização; enfatizar a importância e a necessidade de compreenderem as normas hospitalares como aliadas no processo do tratamento.

Relevância do Estudo: Ao realizar estágio na área de psicologia hospitalar no primeiro semestre do ano de 2018, no HEB e acompanhar a rotina das psicólogas em diferentes áreas de especialidade foi levantada a necessidade dos alunos oferecerem um projeto voltado para os familiares e os acompanhantes.

Materiais e métodos: Para embasamento teórico deste projeto foram realizadas pesquisas em livros de autores da área, bases de dados *Scielo* e Manual de Orientações para Pacientes Internados no HEB, disponibilizado pelo próprio Hospital. Para a aplicação do mesmo, foram realizados grupos psicoeducativos, com os acompanhantes e rede sócio-familiar dos pacientes internados no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital Estadual de Bauru (HEB). As atividades do estágio ocorreram semanalmente, as terças-feiras, no Centro de Terapia Intensiva por duas horas. As observações da rotina da psicóloga de referência, o atendimento grupal e orientações individuais tiveram duração média de 20 minutos e após, evoluídos no prontuário de cada paciente pelos estagiários.

Resultados e discussões: Por meio da observação da prática da psicóloga de referência do CTI do HEB, discussões de casos e revisão de literatura, as estagiárias embasaram suas intervenções com os familiares e acompanhantes dos pacientes. Foram realizados um grupo, composto por 5 familiares de pacientes internados e outros três atendimentos individuais aos familiares. No grupo orientou-se sobre as normas e rotinas do hospital e CTI, abordou-se questões emocionais / comportamentais, referentes a solidão, medo, ansiedade; a importância do papel dos familiares e acompanhantes, autocuidado e atitudes efetivas para com o familiar, colaborando para a adaptação do tratamento e ajustamento à hospitalização. Quanto aos atendimentos individuais foi realizado o acolhimento, através de escuta qualificada e clarificado alguns sentimentos demonstrados. Santos et al. (2012) afirma que o psicólogo deve atuar junto aos agentes envolvidos no processo de hospitalização na UTI com o seguinte foco: orientar e informar rotinas da UTI, estimular o contato do paciente com a família e equipe, visando a facilitação da comunicação; avaliar a adequada compreensão do quadro clínico e prognóstico por familiares e paciente. De acordo com Simonetti (2004), a filosofia da psicologia hospitalar vai além da cura, uma vez que anulados os sintomas e eliminadas as causas das doenças, ainda permanecem a angústia, os traumas, as desilusões, os medos, as consequências reais e imaginárias. Nesse sentido, ressalta-se o efeito positivo do trabalho em grupo, que pode transformar a realidade de um sujeito dentro do hospital. A dor que gera a doença tem que transitar por um caminho de conhecimentos que amenize e possibilite a (re)organização. Pichon-Rivière (1988) aponta que o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, e seus integrantes passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo. Para Angerami-Camom et al. (2003), a atenção do psicólogo no CTI possui uma tríade: paciente, família e a própria equipe de saúde, todos eles envolvidos num mesmo propósito. Do lado de fora de um Centro de Terapia Intensiva (CTI), existe uma família, angustiada, que se sente impotente em ajudar seu familiar, que também se desorganizou com a doença e se assusta com a visão da morte que muitas vezes toma conta de seus pensamentos. Essas pessoas também precisam da atenção do psicólogo e constituem-se numa força afetiva que pode e deve ser envolvida no trabalho com o paciente, pois são elas os representantes principais de seus vínculos com a vida, e, não raro, uma das poucas fontes de motivação que este tem para enfrentar o sofrimento e a virtualidade da morte (ANGERAMI et al., 2003).

Conclusão: Pode-se perceber a importância do suporte psicológico aos pacientes e familiares no Centro de Terapia Intensiva (CTI), e por meio das intervenções observou-se a diminuição da ansiedade por parte dos familiares e melhor adaptação frente ao ambiente hospitalar. Assim, é notório que o psicólogo hospitalar trabalha como facilitador para a liberação das emoções pelos membros da equipe, familiares e pacientes (MOREIRA, et. al, 2012).

Referências

- ANGERAMI, V.A. **Psicologia Hospitalar**. A Atuação do Psicólogo no Contexto Hospitalar. São Paulo: Traço, 1984.
- ANGERAMI-CAMON Valdemar i Augusto (organizador). TRUCHARTE, Fernanda Alves Rodrigues; KNIJNIK, Rosa Berger; Ricardo Werner SEBASTIANI. **Psicologia Hospitalar: teoria e prática**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2003.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SANTOS, Sidney José dos; ALMEIDA; Sônia Aparecida de; Jose Rodrigues Rocha JÚNIO. **A Atuação Do Psicólogo Em Unidade De Terapia Intensiva (Uti)**. Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde Fits. Maceió. v. 1. n.1, p. 11-16. nov. 2012.
- SIMONETTI, A. (2004). **Manual de Psicologia Hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

QUALIDADE DE VIDA EM SUJEITOS COM HIV/AIDS

Leoni César de Oliveira Muniz¹; Daniela Garcia Bandeca Schwingel²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leoni.cesar.muniz@gmail.com.br;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Qualidade de vida, HIV, imunodeficiência

Introdução: A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) são um problema de saúde pública internacional. Com o advento da terapia anti-retroviral, houve um aumento significativo do tempo de vida e, conseqüentemente, da expectativa de uma melhoria da qualidade de vida relacionada à saúde (Geocze L et al, 2010).

Contudo, segundo Catunda (2016), mesmo diante do aumento da expectativa de vida, pessoas vivendo com HIV/AIDS muitas vezes sofrem com efeitos indesejáveis do tratamento, além de ainda serem vítimas de estigma e discriminação. As dificuldades que essa realidade acarreta não podem ser negligenciadas, pois parecem afetar negativamente a percepção da Qualidade de Vida de pessoas soropositivas.

Qualidade de Vida, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993), é definida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

Objetivos: O presente estudo teve por objetivo realizar um levantamento bibliográfico acerca da Qualidade de Vida em sujeitos portadores de HIV/AIDS.

Relevância do Estudo: Debruçar-se sobre o tema é de fundamental importância, visto os dados publicados pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2017, apontando para um aumento dos casos de HIV/AIDS. O esclarecimento acerca do tema, auxilia na prevenção da doença bem como no amparo ao portador; além de desmistificar o assunto e, conseqüentemente, promover a redução do estigma e do preconceito.

Materiais e métodos: Utilizou-se enquanto metodologia o estudo bibliográfico, no qual foram selecionadas quinze (15) referências entre livros e artigos científicos consultados nas bases de dados eletrônicas Scielo e Lilacs no período de 2010 a 2017, tendo como descritores: “HIV”; “Qualidade de Vida”, “imunodeficiência” e “AIDS”.

Resultados e discussões: A Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) foi descrita inicialmente em 1981, período em que algumas pessoas passaram a desenvolver infecções pouco comuns, só encontradas em pacientes em estágio tardio de imunodeficiência. Posteriormente, descobriu-se que tais sintomas eram causados por um novo vírus chamado HIV, ou vírus da imunodeficiência humana. Este vírus tem como alvo os linfócitos CD4, células que defendem o sistema imunológico.

A infecção pelo HIV representa uma vivência de profundo impacto não só nos aspectos físicos, mas também nos aspectos psicossociais da vida das pessoas diagnosticadas. Nota-se neste aspecto a importância de uma avaliação criteriosa da Qualidade de Vida (QV) que permita ampliar o entendimento além dos aspectos clínicos, propiciando o desenvolvimento de novas abordagens às pessoas com HIV/AIDS.

O aumento no tempo de vida após a utilização da terapia antirretroviral, as melhorias no sistema de saúde, além dos métodos de prevenção e controle e de estratégias proporcionaram um avanço no bem-estar dos portadores do vírus da imunodeficiência humana HIV/AIDS (OLIVEIRA, 2015). Observa-se, no entanto, que a Qualidade de Vida de um soropositivo não está relacionada apenas a uma expectativa de vida mais longa. O HIV traz consigo situações como o abandono, segregação, estigmatização, discriminação, ruptura das relações afetivas, problemas com a sexualidade, falta de recursos sociais e financeiros. Segundo Galvão (2002), todos estes fatores comprometem significativamente a Qualidade de Vida dos portadores de HIV. B.Medeiros, J.Silva, & A.A.W.Saldanha (2013) apontam que no contexto de pessoas que vivem com a AIDS, a percepção de Qualidade de Vida satisfatória tem sido relacionada com funcionamento psicológico, suporte social, capacidade física e religiosidade. No que se refere à dimensão psicológica, a literatura demonstra que determinados estados psíquicos como depressão e ansiedade podem influenciar o sistema imunológico. Os autores não pretendem, no entanto, afirmar que características emocionais e psicológicas sejam a causa de patologias; mas que condições de estresse percebido, ansiedade, depressão, entre outras, podem contribuir para a diminuição da resposta imune do organismo, o que pode ocasionar o surgimento de doenças oportunistas, trazendo implicações para a saúde de pessoas que vivem com HIV/AIDS. (B.Medeiros, J.Silva, & A.A.W.Saldanha, 2013)

Conclusão: Analisar os artigos nos faz refletir sobre esta nova condição da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida após o advento da terapia antirretroviral, que possibilitou novas variáveis de natureza psicossocial. Se antes a Qualidade de Vida era relacionada à expectativa de sobrevivência, hoje devido ao seu caráter crônico, faz com que o paciente conviva por muitos anos com esta condição, o que resulta em um arranjo de novos fatores que influenciam seu bem-estar motivando assim estudos que possibilitem na área da saúde o desenvolvimento de novas abordagens.

Referências

- CATUANDA, Carolina et al. Qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/aids: efeitos da percepção da doença e de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2016. Vol. 32 n. esp., pp. 1-7.
- GEOCZE, Luciana et al. Qualidade de vida e adesão ao tratamento anti-retroviral de pacientes portadores de HIV. *Rev. Saúde Pública* [online]. 2010, vol.44, n.4
- MEDEIROS, B.; SILVA, J.; SALDANHA, A. A. W. Determinantes biopsicossociais que predizem qualidade de vida em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Estud Psicol* [Internet]. 2013 Oct-Dec [cited 2016 Oct 20]; 18(4):543-50.
- OLIVEIRA, Francisco BM et al. Qualidade de vida e fatores associados em pessoas vivendo com HIV/AIDS. *Acta Paul Enferm.* 2015; 28(6):510-6.
- The WHOQOL Group. **Mensuração da qualidade de vida (WHOQOL)**. Geneve (52): WHO. 1993.

PRÁTICAS INCLUSIVAS E REDUÇÃO DE DESIGUALDADES: UMA INTERVENÇÃO PSICODRAMÁTICA

Rosana Fernandes¹; Julia Messia²; Liliana M. A. de La Cruz³; Pedro Mazanga⁴
Professor. Rinaldo Correr⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psico.rosanafs@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – messias_julia@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lilianamercedes@live.com;

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – pedromazanga@hotmail.com;

⁵Prof. do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru–FIB– correr.rinaldo@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Exclusão, Inclusão, Adolescentes, Escola.

Introdução: Nos dias atuais, a adolescência tem sido motivo de diversas discussões, especialmente no que se refere as questões relacionadas a psicologia. Para além do conceito abstrato de adolescência, o que se tem discutido é que não existe uma única expressão desse fenômeno, mas sim, uma diversidade muito grande de maneiras de vivenciar os desafios e possibilidades dessa fase da vida. A concepção central é de que, cada um é constituído por meio de múltiplas influencias que moldam a sua identidade. Desta forma, a escola como uma instituição socializadora, reproduz no seu universo cotidiano diversas formas de preconceitos e violência nas relações interpessoais. Na perspectiva de que, o ambiente escolar é um importante instrumento de transformação dos estereótipos produzidos e mantidos na sociedade, e que isso pode promover conflitos que o acompanhará por toda a vida. Cordeiro (2012), reflete que o preconceito é categoria do pensamento e do comportamento cotidiano, contudo não é por fazer parte da vida cotidiana que ele deve ser naturalizado e aceito. Quem não se liberta de seus preconceitos acabam fracassando. Por tanto, é necessário praticar a inclusão, pois ela visa incluir e integrar o indivíduo ao qual primeiramente fora excluído, de forma que suas necessidades e direitos sejam concedidos. Mas as práticas na escolarização precisam ampliar os processos de inclusão escolar, já que o processo de exclusão social ocorre antes mesmo dessa etapa da vida, no nascimento por exemplo, e pode ocorrer em qualquer família (MACIEL, 2012). Macedo (2014) cita que, na busca pelo direito a todos foi criado a Declaração de Jomtien em 1990 na Tailândia, esta carta reforça que entre os países participantes a educação é um direito fundamental de todos, assegurando às suas populações educação com qualidade, sobretudo àqueles menos desenvolvidos. Buscando provocar reflexão dos adolescentes sobre o tema, fez-se o uso do sociodrama de Jacob Levy Moreno, que é uma ferramenta facilitadora do terapeuta-pesquisador para que o grupo legitime suas subjetividades na compreensão do conteúdo. Quando o grupo se reúne para discutir o assunto por meio do sociodrama, Moreno convida a todos a vivenciar o conflito possibilitando co-construir e ressignificar o tema protagonizado (ZAMPIERI, 2011). O tema inclusão nos remete à questão da diversidade humana, uma vêz que somos diferentes em anseios, características, e necessidades, que devem ser respeitadas em todos os processos humanos.

Objetivos: O propósito deste trabalho é articular teoria e prática na formação profissional de estudantes do terceiro ano de psicologia da FIB, que por meio do sociodrama de Moreno contribuir para a redução das desigualdades entre estudantes da oitava série da escola pública Raymi Oliveira Baptista Pereira.

Relevância do Estudo: O estudo justifica-se por proporcionar aos estudantes do curso de psicologia experiência pratica ao vivenciar junto aos alunos da oitava seria da escola estadual Raymi Oliveira Baptista a ressignificação do tema exclusão.

Materiais e métodos: Os estudantes de psicologia promoveram a vivência psicodramática em um grupo de 34 estudantes. Para tanto realizaram a intervenção de acordo com três etapas: 1ª. Aquecimento Inespecífico, uso de bombons; 2ª. Aquecimento específico, vídeo Exclusão Social e Massinha de Modelar; 3ª. Fechamento, vídeo Somos todos Iguais – Inclusão Social e o Compartilhar Sentimentos Emergidos.

Resultados e discussões: O tema inclusão foi trabalhado de acordo com a metodologia de pesquisa ativa de Moreno, o sóciodrama, que ao aplicá-lo aos alunos da oitava série da escola Raymi, puderam refletir e participar das atividades de forma espontânea. Como forma de aquecimento foram explicadas as etapas das atividades que seriam realizadas na escola. Neste primeiro momento foram distribuídos bombons para cada participante com o objetivo de abri-lo com a mão oposta à que o aluno escreve, tendo por objetivo mostrar aos alunos que precisamos de ajudar e ajudar ao próximo. Para o aquecimento específico foi apresentado o vídeo sobre o tema Exclusão Social, que ao ser finalizado cada participante contribuir relatando seus sentimentos, temas como preocupação, pena, tristeza, culpa e sofrimento, foram apontados pelos participantes. A partir dos sentimentos emergidos, foi possível trabalhar a dramatização com os temas específicos; religião, etnia, desigualdade social e opção sexual, que foram escolhidos pelos alunos para trabalharem com a massinha de modelar, com o objetivo de confeccionar uma obra de arte que expressasse o tema escolhido. Após confecção e exposição das esculturas, os alunos compartilharam de forma natural seus sentimentos. Para o fechamento foi apresentado o vídeo Somos todos Iguais – Inclusão Social. As esculturas e o vídeo foram analisados pelos alunos, gerando sentimentos e reflexões expressas de forma espontânea. A realização da atividade sociodramática contribuiu para a instrumentalização dos participantes na apropriação teórica da abordagem em questão (MORENO, 2017). O resultado observado foi o a exploração e o tratamento dos conflitos emergidos. Os sentimentos inicialmente apresentados pelos alunos tiveram uma resignificação a partir da experiência dramática, sentimentos como, pena, culpa e tristeza, passaram a ter um novo significado, empatia, aprendizado, e compaixão.

Conclusão: A atividade realizada junto aos alunos do oitavo ano do colégio Raymi, nos permitiu a investigação psicológica sobre o olhar do adolescente diante do tema exclusão, sendo possível explorar e tratar simultaneamente os conflitos que surgiram, e, sobretudo estimulou a espontaneidade e a criatividade de cada aluno. Ao mobilizar a compreensão sobre o assunto, os participantes puderam reconstruir um novo olhar, sobre si e sobre o mundo diante do tema.

Referências

CORDEIRO, A. F. M.; BUENDGENS, J. F. **Preconceitos na Escola: Sentidos e Significados Atribuídos Pelos Adolescentes no Ensino Médio.** *Rev. Ass. Bras. Psic. Esc.* Vol. 16 – SP, Jun. 2012. Disp.em: <<http://www.scielo.br/pdf>>. Acesso em: 19 Out. 2018.

MACEDO, M. C. S. R.; AIMI, D. R. S.; SOUZA, M. L. **Histórico da Inclusão Escolar: uma Discussão Entre Texto e Contexto.** *Psicol. Estud.* vol.19 – Maringá Jun. 2014. Disp. em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 30 de Out. 2018.

MACIEL, M. R. C. **Portadores de Deficiência a Questão da Inclusão Social.** *Rev. Persp.* vol.14. São Paulo 2012. Disp.em:<<http://www.scielo.br/pdf>> Acesso em: 20 de Out. 2018.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** Ed.Cultrix. vol.19. São Paulo, 2017.

ZAMPIERI, A. M. F. **Psicodramas Públicos: por que e para quê?** *Rev. Bras. Psicodrama,* São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-47, 2011.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPLICAÇÕES PARA A CRIANÇA E A ESCOLA

Audrey de Moura Silva Galeli¹; Ana Laura de Oliveira Santos²; Vera Lucia Luvizutto Okubo³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – audreygaleli@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - analaura.oliveira.x@hotmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: TEA, autista, escola, inserção escolar, desenvolvimento, psicologia escolar, transtorno de aprendizagem;

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) corresponde a um problema do desenvolvimento neural infantil, alguns estudos mostram que sua origem baseia-se em aspectos da formação genética, por ser uma variação genética heterogênea e complexa, apresentando diferentes padrões de herança e variantes genéticas (OLIVEIRA, SERTIÉ; 2017). O Autismo é caracterizado por comprometimento de comportamentos sociais e de comunicação, havendo a tríade de dificuldades que representam os três desvios centrais: desvio qualitativo da comunicação, interação social e no uso da imaginação - esses desvios configuram um padrão comportamental restrito e repetitivo. Devido às particularidades englobadas pelo TEA a vida escolar torna-se um desafio, o que exige uma educação inclusiva, entretanto, esta ainda deixa a desejar, já que os profissionais e o sistema escolar não possuem o preparo necessário para a inclusão, especialmente nas escolas públicas.

Objetivos: Fazer um levantamento e reflexão acerca da criança com TEA no ambiente escolar, quais as dificuldades enfrentadas no momento da inclusão e como superá-las. Ressaltar a importância do psicólogo escolar para facilitar esse processo, afim de amenizar as dificuldades na aprendizagem que podem ser encontradas no desenvolvimento da criança com o transtorno.

Relevância do Estudo: Faz-se necessário a discussão sobre o Transtorno do Espectro Autista devido ao aumento significativo no número de diagnósticos nos últimos anos, além de explorar as melhores formas de inserir essas crianças no ambiente escolar, com a ajuda do psicólogo e outros profissionais da instituição, afim de amenizar todas as dificuldades que o transtorno pode trazer para a vida de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, seja de caráter social ou educacional.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica de artigos encontrados em plataforma online e livros disponíveis na internet que trazem uma discussão acerca do tema.

Resultados e discussões: Mesmo com o desenvolvimento de diversos estudos ainda não foi definida a causa específica do TEA, consideram origens de fatores genéticos, biológicos e ambientais, relacionados com uma parte do cérebro ainda não definida, já que o processamento cerebral dos portadores ainda é desconhecido. Dentro dos padrões comportamentais está contido o uso excessivo de detalhes para referirem-se a algo ou alguém, pois memorizam informações sólidas com mais facilidade (como endereço, telefone, idade; coisas que não exatas e não necessitam de grande interpretação), e também o interesse por assuntos específicos, de maneira que o indivíduo tende a tentar relacionar diversos aspectos do dia a dia com aquilo que tem interesse específico, o que torna difícil a alteração de contexto. O diagnóstico é feito por meio de avaliação clínica da fala e de comportamentos, colocando em questão o modo como as atividades são operacionalizadas

na prática a partir do fornecimento de informações. Pode ser feito na infância caso comportamentos atípicos sejam notados, como a demora da verbalização, foco excessivo em determinados objetos, etc (FERNANDES, NEVES, SCARAFICCI; 2010). A educação inclusiva em casos de Autismo demanda preparo tanto do ambiente escolar quanto da equipe de educandos, para a melhor adaptação não só do novo aluno, mas dos colegas de turma também, a fim de evitar conflitos e discriminação, para isso, a equipe de educandos deve preparar os demais alunos e dar informações do transtorno e da importância da inclusão. A inserção deve ocorrer da maneira mais natural possível, devido ao fato de ser característica do Espectro o isolamento e a dificuldade de comunicação (BARBOSA et al., 2013). Ademais dos aspectos interativos há também os aspectos de aprendizado, já que os alunos dentro do espectro necessitam de materiais diferentes para o processo de aprendizagem ocorrer de maneira efetiva. O material para o ensino eficiente depende da avaliação que deverá ser feita do aluno possibilitando a identificação das dificuldades e habilidades, dessa maneira o professor trabalha potencializando as habilidades para reduzir as dificuldades e dar abertura para novas habilidades e desenvolvimento social e intelectual. (FRIZZARINI, ARGNIN, AGUIAR; 2018)

Conclusão: O professor nesse contexto possui o papel de mediador para o processo de desenvolvimento social, da aprendizagem e das habilidades, tanto entre o aluno e os conteúdos quanto entre o aluno e os demais colegas, proporcionando o desenvolvimento global. Para isso, o profissional deve estar atento para todas as dificuldades encontradas que impeçam o funcionamento natural da interação, nesse sentido tem a função de tornar o ambiente o mais inclusivo e respeitoso possível, por meio do incentivo. É importante ressaltar o impacto que o ambiente escolar causa para uma criança dentro do espectro, visto que estas captam e interpretam estímulos ambientais com atenção maior a certos detalhes, em razão disso o ambiente deve ser acolhedor, fornecendo segurança para fortalecimento das habilidades e das interações sociais. Se o contato com o ambiente for negativo a criança não conseguirá explorar, conhecer os novos estímulos e ampliar seu repertório comportamental, ficando presa aos comportamentos repetitivos e ao fraco repertório social, permanecendo retraídas (BARBOSA et al., 2013). A inclusão é um passo extremamente importante para a formação do autista, trazendo contribuições na autonomia e no seu desenvolvimento, preparando para os obstáculos que irão aparecer no futuro, pois após a idade escolar eles se deparam com o mercado de trabalho.

Referências

BARBOSA, Amanda; et al. **O Papel do Professor Frente à Inclusão de Crianças com Autismo**. XI Congresso Nacional de Educação: EDUCERE; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2013

FERNANDES, Álisson; et al. **Autismo**. Disponível em: <https://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf> - acesso em 28 de outubro de 2018

FRIZZARINI, Silvia; CARGNIN, Claudete; AGUIAR, Rogério. **Recursos didáticos para a acessibilidade de aluno com espectro autista nas aulas de matemática**. 2018. Disponível em: www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/download/11358/8290 - acesso 20 de outubro de 2018

OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. São Paulo: Einstein, 2017.

OS MECANISMOS E ESTÍMULOS PRESENTES NA PERCEPÇÃO TEMPORAL

André Marcelo Pontes¹; Leticia Sabino²; Thomas Duarte de Agostini ³; João Paulo Martins ⁴.

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – and_mcp@hotmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB leticia_sab@hotmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB thomas_duarte_outlook.com

⁴Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: Neuropsicologia

Palavras-chave: percepção, tempo, relações e processos; comportamento, processos mentais

Introdução: A neuropsicologia tem um papel fundamental no estudo de interações entre o cérebro/comportamento, por meio da investigação de sistemas cerebrais em formas complexas de atividades mentais. Quando nos deparamos com a percepção do tempo a explicação de como ocorre se resume muitas vezes e eventos simples. Como citado por Hawking (HAWKING, 2015, p. 31) era possível classificar qualquer intervalo de um evento por uma grande chamada “tempo” de maneira única, e todo bom relógio estaria de acordo quanto ao intervalo de tempo entre dois eventos. Sendo assim a nossa percepção pode simplesmente ser medida pela nossa visão de comportamentos para determinados horários, 12h (meio dia) hora do almoço e logo temos um intervalo até o horário do jantar, 22h temos a perspectiva de que todos já estão em estado de sonolento ou dormindo. Fatos e eventos da vida cotidiana firmada por “contratos” permite nossa visão do tempo em constante mudança.

Objetivos: Relatar as diferentes formas e mecanismos, que permitem ao indivíduo uma percepção temporal acerca de sua relação com o meio e sua forma subjetiva de compreensão.

Relevância do Estudo: A compreensão de como a percepção do tempo apesar de subjetiva e única para cada observador, se altera ao longo das mudanças e eventos que ocorrem através das gerações. Sofrendo assim influência do meio, processos sociais, ocasionando mudanças na perspectiva tanto física quanto mental. Gerando mudanças principalmente comportamentais, muitas vezes transmitidas por relações sociais, tornando assim essa percepção aprendida.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica com uso de artigos científicos de bases de dados online como Scielo, birem e pubmed e de livros.

Resultados e discussões: O conceito sobre natureza e tempo muda ao longo dos anos, isso também nos permite uma visão cronológica de acontecimentos e mudanças. Segundo Junior F. (2017) quase todo mundo lida muito bem com as noções de agora, de hoje, de ontem ou amanhã, um período de tempo muito curto. A coisa ainda vai bem quando tratamos da semana passada ou da semana que vem e talvez funcione quando consideramos o mês passado ou o mês que vem. Mas a partir daí, em direção aos anos, esta percepção começa a ficar embaçada, mais e mais difusa nesse mergulho temporal.

Isso retrata uma perspectiva que muda a cada observador com sua própria noção de tempo único, porém não absoluto, conforme o relógio o qual estaria utilizando, ou seja, há uma noção subjetiva na percepção do tempo. Em seu livro Hawking afirma “[...] relógios portados por observadores diferentes não necessariamente coincidiriam. Assim o tempo se tornou um conceito mais pessoal, relacionado ao observador que o media.” (HAWKING, 2015, p. 179).

Próprios comportamentos como saber a hora de almoçar, são influências de perspectivas de tempo aprendidos. Para Gerab (2013), o tempo não é tomado em uma coisa que possa ser acessada, medida ou influenciada por si só. Sua dimensão varia desde um comprimento de onda a estímulos visuais. Ou seja, o tempo só existe em relação com algo.

Gerab (2013) em seu estudo afirma que as alterações na percepção da passagem de tempo dos seres humanos têm sido investigadas em relação a características de diversos estímulos, condições corporais e diversos tipos de tarefas. A importância da percepção do tempo para a explicação da atividade humana surge referenciada na literatura psicológica desde as primeiras formulações científicas.

De fato, Janeiro (2012) apresentava o tema da percepção do tempo como um tema autônomo de estudo em psicologia, ressaltando como característica específica do pensamento humano a consciência do presente, do passado e do que há-de vir.

Conclusão: Como Castro (2013) comenta a percepção do tempo é um processo comum a todos os seres humanos, porém isso não o torna absoluto e sim subjetivo a diferentes ambientes e processos os quais somos expostos. Comportamentos surgem a partir de uma perspectiva temporal, de forma que a análise dos mesmos nos permite ter a noção de mudanças ocorridas em nossa perspectiva individual e grupal.

Presente, passado e futuro, uma forma aglomerada de um meio de experiências e vivências em nossas memórias.

Sendo assim o tempo pode não ser algo tangível ou acessível de forma convencional, porém como estamos sujeitos a ele podemos notar sua influência em nosso dia a dia. De forma subjetiva essa percepção sendo gerada por processos de relações, contratos ou estímulos característicos.

Referências

CASTRO, A. C. V. de; ANDREIA, M. P. de C; MACHADO, K. A.. A percepção do tempo: contributos do procedimento de bissecção. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 49-70, jun. 2013.

GERAB, F. K. **Ilusões temporais: Um estudo sobre percepção de tempo em função de contingências de reforçamento e punição, a partir do relato verbal.** USP – São Paulo, 2013.

HAWKING, S. W.; **Uma breve história do tempo.** – 1. Ed. – Rio de Janeiro. Editora Intrínseca Ltda., p. 256, 2015.

JANEIRO, I. N. **O Inventário de Perspectiva Temporal: Estudo de validação.** Universidade de Lisboa, 2012. RIDEP · Nº 34 · VOL. 1 · 2012.

ORTIZ, J.F. **A percepção do tempo.** Publicado no Correio da Serra, Santo Antônio do Pinhal, SP, edição de Mar 2006.

OS PROCESSOS GRUPAIS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE ENRIQUE PICHON RIVIÈRE: FUNDAMENTOS E APLICAÇÃO DO MÉTODO A PARTIR DA ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DA OFICINA

Raquel Zuardi Iyama¹, Paula de Fontes Silveira², Mayara Oliveira dos Santos³, Prof^a Dra. Luciana Maria Biem Neuber⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - paula.fsilveira@yahoo.com.br

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - mayyara_demi@hotmail.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – raquelzuardi@gmail.com

⁴ Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: grupo operativo, psicologia, processo grupais.

Introdução: Enrique Pichón-Rivière (2005), psicanalista, contribuiu com seus postulados no estudo dos processos grupais, buscou compreender o funcionamento e a estrutura de um grupo com a possibilidade de intervir para que ocorra uma transformação a partir da dialética dos processos humanos e grupais. O grupo é entendido como uma ferramenta que transforma a realidade, e os integrantes desse grupo estabelece relações grupais que são constituídas no compartilhamento de objetivos comuns. Para que ocorra um processo de transformação é necessário, inicialmente, o processo de aprendizagem, para isso, o indivíduo, dotado de saber estruturado, passa pelo processo de desorganização, o qual consiste em desestruturar os saberes do indivíduo e reestruturá-los em seguida. Esse processo ocorre constantemente e é apresentado pela figura de um cone invertido que possui em seu interior um espiral, o qual denominou espiral dialética. A espiral dialética representa os movimentos que ocorrem no grupo, a vontade de conhecimento do novo e a ansiedade que produz resistência, conteúdos manifestos e latentes e as oportunidades de aprendizagem que nunca acabam (RIVIÈRE, 2005; BASTOS, 2010). Para investigação de tratamento e diagnóstico desenvolveu a técnica de Grupo Operativo, que foca na dimensão psicossocial e nas possibilidades de aprendizagem do indivíduo e busca sempre desenvolver no grupo o pensamento crítico e ações transformadoras, promovendo a possibilidade do pensamento dialético e da aprendizagem como mudança, ajudando a resolver as dificuldades internas de cada indivíduo. A técnica do grupo operativo subentende a tarefa implícita, que é o modo que cada integrante vivencia o grupo, e a tarefa explícita, que é o diagnóstico, a aprendizagem ou o tratamento e o enquadre, que são os elementos fixos, como a duração, o tempo, a função e a frequência do observador e do coordenador. Nesse sentido, o processo grupal se caracteriza por uma dialética, onde sua principal característica é analisar contradições (PEREIRA, 2013; MOTTA, 2018). O Grupo Operativo trabalha voltado para as relações sociais e o indivíduo inserido neste contexto, com o objetivo primordial de promover a mudança, envolvendo sempre um processo sucessivo, onde os integrantes do grupo vão assumir papéis diferentes para a tarefa grupal. A realização dessa técnica necessita de um coordenador com o papel indagar, problematizar e buscar a facilitação da comunicação entre os integrantes do grupo para que os mesmos consigam enfrentar os obstáculos e ter sucesso na resolução das tarefas propostas, e de observadores, que tem o papel de analisar os aspectos dos integrantes do grupo e passa-los para o coordenador para juntos analisarem.

Objetivos: Articular teoria e prática, na formação profissional de estudantes do segundo ano de psicologia, no que se refere aos processos de compreensão e manejo dos dispositivos grupais por meio da oficina de aplicação prática do conteúdo teórico apresentado por Enrique Pichon Rivière (2005).

Relevância do Estudo: O estudo justifica-se por proporcionar aos estudantes do curso de psicologia reflexão sobre a relevância do fundamento teórico do método de Enrique Pichon Rivière (2005) e correlacionar na prática ao elaborar e aplicar a oficina em sala de aula.

Materiais e métodos: Foi realizada a oficina, tarefas com um grupo operativo, no dia vinte e dois de outubro do ano de 2018 para o público alvo alunos do segundo ano do curso de psicologia, com duração de três horas e meia na sala de aula C11 da FIB. Pautado no referencial teórico do

Pichon-Rivière (2005), foi desenvolvida a oficina conduzida por cinco alunas que se organizaram conforme sugere o fundamento do método; uma aluna desempenhou o papel de coordenadora e as demais ocuparam o papel de observadoras. Na semana anterior, foi solicitado aos participantes a escolha de um objeto representativo e identificativo como pertencente ao grupo familiar e outro objeto representativo como aluno do segundo ano do curso de psicologia, o mesmo deveria levar os dois objetos no dia da oficina. O objetivo da atividade foi promover aos participantes a oportunidade de vivenciar um processo grupal estruturado a partir da técnica do grupo operativo. A oficina foi conduzida em três momentos, o primeiro a pré-tarefa com a dinâmica da barreira, o segundo a tarefa com a dinâmica representação simbólica e o terceiro, o momento de realizar o fechamento com a reflexão dialética da vivência e opinião grupal.

Resultados e discussões: O processo em um grupo operativo envolve diferentes momentos, papéis e posições, referentes à tarefa a ser realizada pelo grupo. O primeiro momento é chamado de pré-tarefa, no qual os integrantes do grupo ainda apresentam ansiedade, receio e resistência em relação ao novo que está por vir (RIVIÈRE, 2005; BASTOS, 2010). A dinâmica da barreira alcançou o objetivo proposto, ao lidar com a tensão e as resistências naturais, o grupo experimentou transpor a resistência. Conforme aponta a literatura quando esses sentimentos são quebrados e o grupo se apresenta mais aberto inicia-se o segundo momento, a tarefa. A dinâmica representação simbólica proporcionou ao grupo durante o processo da tarefa, atingir os objetivos determinados, tanto na identificação e conscientização de cada integrante, quanto na construção coletiva a partir das projeções dos objetos, ao permitir que conteúdos latentes se tornassem manifestos de acordo com a teoria de Pichon (2005). No grupo há um espaço para que ocorra a formação de vínculos, no qual é trabalhada a subjetividade e singularidade de cada integrante. Há também um espaço escuta, onde o coordenador está sempre indagando, problematizando as falas, pontuando-as, para que os integrantes possam ter a oportunidade de refletirem e elaborarem da melhor forma suas questões. Esse exercício de escuta se mostra de muito valor para o auxílio do coordenador em suas sinalizações e pontuações, tornando favoráveis as elaborações de conflitos e possibilitando transformações (BASTOS, 2010).

Conclusão: A realização deste trabalho possibilitou compreender a teoria a partir da prática, pautado na concepção dialética da realidade, de acordo com as teorias e técnicas de desestruturação e estruturação para o grupo lidar com a tensão e as resistências com relação ao trabalho grupal proposto.

Referências

BASTOS, Alice Beatriz. **A técnica de Grupos Operativos a luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon.**

Psicólogo informação. **Instituto metodista de Ensino Superior.** V14. Nº 14. Jan/dez 2010.

MOTTA, Paulo Rogério. **Psicoterapia de Grupo de Pichón-Rivière.** Disponível em:

<https://paulorogeriomotta.com.br/psicoterapia-de-grupo-de-pichon-riviere/> Acesso em 19 de Outubro de 2018.

PEREIRA, Thais. **Pichon-Rivière, a Dialética e os Grupos Operativos: Implicações para Pesquisa e Intervenção.** SPAGESP. Ribeirão Preto. Nº 14. 2013.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal.** 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

PRINCIPAIS FÁRMACOS E PSICOFÁRMACOS UTILIZADO NO TRATAMENTO DAS PESSOAS ACOLHIDAS EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA NO MUNICÍPIO DE BAURU/SP

Fabício Feltri Ribeiro¹; Rui Mesquita Neto²; Caio Cavassan de Camargo³;

¹Aluno de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial – Universidade do Sagrado Coração – USC – ribeiofeltri@hotmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdade de Ensino Superior de Garça – FAEF – neto33@gmail.com

³Professor do curso de Enfermagem – Universidade do Sagrado Coração – USC caiocavassan@gmail.com

Grupo de trabalho: ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Palavras-chave: Dependência Química; Tratamento; Perfil Epidemiológico.

Introdução: Medicamentos podem ser definidos como produtos especiais elaborados com a finalidade de diagnosticar, prevenir, curar doenças ou aliviar seus sintomas, sendo produzidos com rigoroso controle técnico. (ANVISA, 2017). Os medicamentos que contêm substâncias psicoativas promovem experiências muito pessoais, uma vez que produzem alterações nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional dos indivíduos.

Os medicamentos psicotrópicos, prescritos com frequência podem causar dependência, e por vezes dicção. Podemos incluir as três categorias mais importantes e mais usadas em dependência química: antidepressivos, benzodiazepínicos e barbitúricos.

Comunidades Terapêuticas são instituições que oferecem assistência à indivíduos com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas, em regime de residência, cujo principal instrumento terapêutico é a convivência entre pares. (RDC 29/2011).

Objetivos: Portanto, este estudo objetivou levantar os principais fármacos e psicofármacos utilizados no tratamento das acolhidas em uma Comunidade Terapêutica no município de Bauru/SP, visando o direcionamento de ações para a melhora do cuidado no tratamento da dependência química.

Relevância do Estudo: Propor políticas direcionadas a esse público, e perfazem as necessidades das novas estratégias para o cuidado centrado na pessoa dependente químico, maior inclusão desses indivíduos em programas de reabilitação psicossocial e de capacitação para o mercado de trabalho após desacolhimento.

Materiais e métodos: Foi realizado estudo de coorte retrospectiva e descritiva com acolhidas de uma Comunidade Terapêutica na cidade de Bauru/SP, com informações de prontuários médicos das acolhidas. Os dados foram manejados e analisados de forma anônima, sem identificação das participantes da pesquisa. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Sagrado Coração, com o parecer nº 2.501.823.

Resultados e discussões: Foram analisados 358 prontuários presentes na comunidade terapêutica, sendo uma amostra de conveniência, dos quais 295 (82,40%) foram incluídos no estudo, e os demais (63) foram descartados por não haver dados suficientes, como prescrição médica.

Dentro os 32 psicotr3picos identificados, houve destaque para levomepromazina 25mg consumida por 128 (43%) das acolhidas. Esta medica33o apresenta um vasto campo terap3utico, e est3 indicada em casos de necessidades de a3o neurol3ptica em pacientes psic3ticos ou em terapias adjuvantes para o al3vio do del3rio, agita3o, inquieta3o. (ANVISA, 2017). J3 a tiamina 300mg foi utilizada por 91(31%) dos indiv3duos, este medicamento se faz necess3ria para todos os tecidos do corpo e pode ser encontrada em nos m3sculos esquel3ticos, f3gado, cora3o, entre outros3rg3os, e sua falta pode ocorrer por diversos fatores, como a defici3ncia na ingest3o, quest3es nutricionais e pelo consumo de 3lcool por longos per3odos. (THOMAZ et.al., 2014)

Conclus3o: Conclu3mos, portanto que foram identificados 32 medicamentos psicotr3picos utilizados, havendo destaque para o uso da levomepromazina 25mg, consumida por 128 (43%) das acolhidas e o uso da Tiamina 300 MG, que foi utilizada por 91(31%) dos indiv3duos.

Refer3ncias

- ANVISA, Ag3ncia Nacional de Vigil3ncia Sanit3ria. Centro de Vigil3ncia Sanit3ria do Estado de S3o Paulo. <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/>. Acesso em 30/07/2017, 17h30min.
- BRASIL, RDC N3 29 de 30 de junho de 2011. P3gina na internet. Acesso em 27 de julho de 2017. Dispon3vel em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2011/res0029_30_06_2011.html.
- THOMAZ, K. C.. V. **Alcoolismo e defici3ncia da Tiamina associada 3 S3ndrome de Wernicke – Korsakoff**. Uning3 Review. V.20, n.3, PP.94 – 100. Out / Dez 2014.

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO AMBIENTE ESCOLAR EM CRIANÇAS COM TDAH

Alini Francisquette Herrera¹; Vera Lucia Luvizutto Okubo²

Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alini.herrera@hotmail.com

Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, Intervenção, Escola, Aprendizado, Psicologia

Introdução: Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade, sendo o transtorno mais comum em crianças e adolescentes. Acontece em 3 a 5% das crianças, em diversas regiões diferentes do mundo em que já foi pesquisado. Em mais da metade dos casos o transtorno acompanha o indivíduo na vida adulta, embora os sintomas de inquietude sejam mais brandos. É comum crianças com TDAH serem vistas como preguiçosas, desordeiras, incapazes, entre outros. Essa avaliação de forma equivocada se dá pelo fato da inabilidade em controlar suas emoções e pela impulsividade em suas ações, ou seja, não pensar antes de reagir. Desta forma, a intervenção do psicólogo junto à equipe escolar e familiar é importante para esclarecimento e orientação sobre o transtorno. O psicólogo poderá utilizar várias estratégias para ajudar a criança a compreender o seu comportamento, bem como controlá-los por meio de internalizações. De acordo com Valle (2003), pesquisar, intervir, planejar e promover a saúde mental no contexto escolar é inerente ao trabalho do psicólogo escolar. E é esse o desafio que se ergue diante desse profissional, o de afirmar-se no seu espaço de trabalho para lidar com os aspectos psicológicos e educacionais que envolvem o desenvolvimento infantil e sua adaptação no mundo.

Objetivos: Este artigo tem por objetivo compreender o transtorno e identificar como o profissional da psicologia poderá intervir em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade na escola.

Relevância do Estudo: Esse estudo é de suma importância para alunos de graduação em psicologia e profissionais, ressaltando a compreensão do TDAH, e a importância do psicólogo escolar frente a dificuldades de crianças na aprendizagem portadoras do transtorno.

Para Harpin, durante a pré-escola, a criança com TDAH pode não se diferenciar dos colegas, uma vez que o baixo nível de atenção concentrada, agitação motora e impulsividade são comuns nesta faixa etária. No início do ensino fundamental, entretanto, a criança com TDAH começa a ser vista como diferente das demais e os problemas começam a aparecer com maior intensidade. Além disso, problemas durante passeios ao shopping, supermercados ou em visitas a familiares, começam também a ficar evidentes (Harpin, 2005).

Rief (2001) ressalta que é importante com o auxílio do psicólogo escolar, o professor ter a compreensão da criança com TDAH como uma pessoa que tem potencial que poderá ou não se desenvolver, e reconheça sua responsabilidade sobre o resultado final desse processo. O professor ideal terá mais equilíbrio e criatividade para criar alternativas e avaliar quais obtiveram melhor funcionamento prático. Deverá saber aproveitar os interesses da criança,

criando situações cotidianas que a motivem, e oferecer feedback consistente, imediatamente após o comportamento da criança.

Materiais e métodos: trabalho realizado por meio de revisão de literatura, a partir de base de dados como, Scielo e Google acadêmico, datados de 1998 a 2017.

Resultados e discussões:

Para a identificação do TDAH é preciso de comportamentos específicos do transtorno, presentes em mais de um contexto, como na escola, em casa ou em ambientes sociais. Além disso, estes comportamentos devem acarretar um comprometimento clinicamente importante do funcionamento social, acadêmico ou ocupacional (APA, 2002).

O manejo de uma criança com TDAH em sala de aula não é uma tarefa fácil. O estilo de trabalho do professor, além de características pessoais deste profissional, tem importante impacto sobre o comportamento em classe e sobre o desempenho acadêmico de crianças com TDAH. Professores mais entusiasmados e dinâmicos parecem ter maior facilidade para aumentar a participação destas crianças. Além disso, a utilização de sistemas de fichas, incluindo custo de resposta, parece auxiliar no desenvolvimento e manutenção do comportamento adequado e do desempenho acadêmico (Barkley, 1998).

As estratégias utilizadas com melhores resultados incluem controle de estímulo, "quebra" das tarefas em pequenas partes de forma a torná-las compatíveis com os períodos que a criança consegue manter a concentração e o estabelecimento de tarefas a serem realizadas em intervalos curtos de tempo (Barkely, 1998).

Conclusão: Pudemos concluir que a relação estabelecida entre o aluno e o professor é importante para a compreensão e identificação das dificuldades apresentadas da criança em sala de aula. Após essa identificação, o professor, juntamente com o psicólogo escolar deverá criar estratégias para que ocorra a intervenção junto ao aluno. A participação da família é de suma importância nesse processo, bem como o envolvimento de outros profissionais como médicos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, entre outros. Desta forma, todas as ações propostas refletirão em avanços qualitativos para o desenvolvimento global desse estudante.

Referências

BARKLEY, R. A. (1998). **Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder**. Em E. J. Mash & R. A. Barkley (Orgs.), *Treatment of childhood disorders*. (vol. 2, pp. 55-110) New York: Guilford.

HARPIN, V. A. (2005). **The effect of ADHD on the life of an individual, their family, and community from preschool to adult life**. *Arch Dis Child*, 90, (Suppl 1), i2-i7.

LEME, Luciana. O que é TDAH. ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção, 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

RIEF, S. (2001). **Estratégias de intervenção na escola**. Trabalho apresentado na // *Conferencia internacional sobre o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade*. São Camilo: Centro de Convenções.

VALLE, L.E.R. Psicologia Escolar: Um duplo desafio. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, vol.23, nº 1, Março. 2003.

MANICÔMIOS, LOUCURA E EXCLUSÃO SOCIAL

Vitoria Emanuelle Barbosa Martins¹; Beatriz Matheus Guerreiro²; Thamires Redondo Ferre³; Andreza Cristiane da Silva de Martino⁴; Marta Alice Nelli Bahia⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitoriaemanuellem@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biamg Guerreiro@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thamirferre@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deza_cia@hotmail.com;

⁵ Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA.

Palavras-chave: Manicômios; Hospícios; Exclusão Social e Loucura.

Introdução: A loucura sempre esteve presente ao longo da história da humanidade, porém a visão que se tinha sobre a mesma foi modificada ao longo dos anos. No período que se compreende entre a Antiguidade e a Idade Média, a loucura possuía um significado diferente daquele que lhe foi atribuído durante a Modernidade, sendo uma questão restritamente familiar. Além disso, a concepção que se tinha era muito limitada, restringindo-se a aspectos visíveis e extravagantes da loucura, principalmente quando esses representavam uma “perturbação” a família ou a ordem pública. Outro aspecto fundamental na concepção do “louco”, a partir do final do século XV, quando ocorreu com a mudança nos meios de produção devido a Revolução Industrial, é a inaptidão para o trabalho. A loucura tornou-se então, um problema de ordem social, uma vez que, no Capitalismo, as relações de trabalho são fundamentais e constituem a base da sociedade. Outro argumento também utilizado para justificar a exclusão social desses indivíduos, foi a naturalização do doente mental como sendo um sujeito violento, que representava periculosidade social. Essa visão favoreceu a criação de uma cultura na qual o sujeito portador de doenças mentais é “condenado” a viver isolado. Atendendo essa lógica, os manicômios deveriam ser um lugar de vigilância, controle e disciplina, com dispositivos de punição e repressão (EMMANUEL-TAURO e FOSCACHES, 2018). Amarante (2007) cita que, ao longo dos anos, o conceito de loucura contribuiu para produzir “uma atitude social de medo e discriminação para com as pessoas identificadas como tais”.

Objetivos: O objetivo do presente trabalho é fazer uma breve exposição sobre os princípios que fundamentaram a criação e sistema dos manicômios e demonstrar o papel de exclusão e controle social que os mesmos exerciam.

Relevância do Estudo: Durante anos os manicômios foram responsáveis pelo cuidado dos doentes mentais. Dentro dessas instituições ocorriam diversas cenas de violências, que com o tempo agravavam o quadro dos pacientes. Compreender os princípios e a lógica social de segregação e exclusão que levaram a criação dessas instituições é de extrema importância, uma vez que, pode colaborar para que as cenas de violência vivenciadas nos manicômios nunca mais voltem a ocorrer e para que os portadores de doenças mentais possam receber tratamentos dignos e humanizados.

Materiais e métodos: Para alcançar os objetivos almejados foram realizadas buscas em livros e bases de dados na internet como Bireme, Scielo e PePSIC, em que foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Manicômios; Hospícios; Exclusão Social e Loucura.

Resultados e discussões: Philippe Pinel foi o primeiro a idealizar um modelo asilar/manicomial, tendo como princípio terapêutico o tratamento moral. O médico francês propôs um regime completo de 'isolamento', fundamento de sua obra. O tratamento moral consistia em uma somatória de regras, condutas, horários e regimentos que tinham como função controlar o sujeito e "reeducar" a sua mente (AMARANTE, 2007). Embora o isolamento proposto por Pinel tivesse a intenção de tornar os tratamentos dos portadores de doenças mentais mais eficazes e permitir com que esses pudessem recuperar sua "racionalidade", o que se viu no decorrer dos anos foi algo muito diferente. Os primeiros manicômios ficaram rapidamente superlotados e havia uma enorme dificuldade em se estabelecer o que era a loucura. Além disso, os manicômios cumpriam o que Amarante (1995/2007) chamou de eminente "hospedaria", uma vez que, recebia também todas as classes marginalizadas da sociedade (ladrões, prostitutas, "leprosos", "vagabundos", etc.), cumprindo uma função de segregação social. As supostas ações terapêuticas eram ineficazes, sendo capazes até mesmo de agravar o quadro clínico dos pacientes (AMARANTE, 1995). Um exemplo presente no Brasil que seguia esses princípios e a lógica de "hospedaria", citada por Amarante, foi o hospício mineiro localizado na cidade de Barbacena. O Colônia, como era chamado, em sua época de maior lotação atingiu 5 mil pacientes, sendo que sua capacidade inicial seria de 200 internos. Relata-se que cerca de 70% dos pacientes internados na Colônia não possuíam diagnóstico de doença mental e sofriam constantes agressões físicas, psicológicas e morais. Cerca de 60 mil pessoas morreram nesse hospício (ARBEX, 2013)

Conclusão: Sendo assim, é importante frisar que o conceito de loucura e o próprio diagnóstico de doença mental sempre esteve relacionado aos padrões da sociedade sobre normalidade. Desta forma, os manicômios ou hospitais psiquiátricos cumpriam um papel de segregação social, visto que, recebiam pessoas sem diagnósticos reais de doença mental e que, muitas vezes, faziam parte dos grupos marginalizados da sociedade. Pode-se dizer que essas ações constituíam uma tentativa de "limpeza social", uma vez que, aqueles que eram rejeitados e menosprezados eram mantidos em muros altos, totalmente longe do convívio e dos olhos da sociedade. Logo, a luta pelo fim dos manicômios é um processo complexo que envolve fatores políticos e sociais, uma vez que, deseja modificar não só as práticas e os saberes médicos, mas também os valores culturais e sociais relacionados ao louco e a loucura.

Referências

AMARANTE, P. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

AMARANTE, P. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007

ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

EMMANUEL-TAURO, D.V; FOSCACHES, D.A.L. As atuais políticas de saúde mental no Brasil: reflexões à luz da obra de Cornelius Castoriadis. **Mental**, Barbacena, v. 12, n.22, p. 90-112, 2018. Disponível em: < <https://bit.ly/2OUBVx4> > Acesso em 13 de julho de 2018.

JUNIOR, O.G. Hospital Psiquiátrico: (re)afirmação da exclusão. **Psicologia & Sociedade**, v.1, n.14, p.87-102. Disponível em: < <https://bit.ly/2RihPcH> > Acesso em 19 de agosto de 2018.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PESSOAS ACOLHIDAS EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA NO MUNICÍPIO DE BAURU/SP

Fabício Feltri Ribeiro¹; Rui Mesquita Neto²; Caio Cavassan de Camargo³;

¹Aluno de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial – Universidade do Sagrado Coração – USC – ribeirofeltri@hotmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdade de Ensino Superior de Garça – FAEF – neto33@gmail.com

³Professor do curso de Enfermagem – Universidade do Sagrado Coração – USC caiocavassan@gmail.com

Grupo de trabalho: ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Palavras-chave: Dependência Química; Tratamento; Perfil Epidemiológico.

Introdução: O uso de substâncias psicoativas é todas substâncias que produzem alterações, mudanças, nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional dos indivíduos. Essas alterações são causadas por substâncias que variam de acordo com as características da pessoa que as usa, qual é substância que esta utilizando e em que quantidade esta fazendo uso, e as circunstâncias que esta sendo consumida. O uso de substância psicoativa, afeta o cérebro em sua atividade normal, sendo assim podemos classificar em três tipos:

a) Substâncias que diminuem as atividades mentais: depressoras => afetam o cérebro para que esse funcione de forma mais lenta, diminuem a atenção, a concentração e a capacidade intelectual, (álcool).

b) Substâncias que aumentam as atividades mentais: estimulantes => afetam o cérebro para que esse funcione de forma mais acelerada. (cocaína, anfetaminas).

c) Substâncias que alteram a percepção: alucinógenos => afetam o cérebro para que esse passe a trabalhar de forma desordenada e em forma de delírios, (ecstasy).

Comunidades Terapêuticas são instituições que oferecem assistência a indivíduos com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas, em regime de residência, cujo principal instrumento terapêutico é a convivência entre pares. (RDC 29/2011). Para GOTI (1990), a comunidade terapêutica é um lugar de processo de crescimento pessoal, com processo de aprendizagem social, promovendo crescimento e aprendizado para ser um membro útil para a sociedade.

Objetivos: Portanto, este estudo objetivou levantar o perfil sociodemográfico das acolhidas de uma Comunidade Terapêutica no município de Bauru/SP, visando o direcionamento de ações para a melhora do cuidado no tratamento da dependência química.

Relevância do Estudo: propor políticas direcionadas a esse público, e perfazem as necessidades das novas estratégias para o cuidado centrado na pessoa dependente químico, maior inclusão desses indivíduos em programas de reabilitação psicossocial e de capacitação para o mercado de trabalho após desacolhimento.

Materiais e métodos: Foi realizado estudo de coorte retrospectiva e descritiva com acolhidas de uma Comunidade Terapêutica na cidade de Bauru/SP, com informações de prontuários médicos das acolhidas. Os dados foram manejados e analisados de forma anônima, sem identificação das participantes da pesquisa.

Resultados e discussões: Foram analisados 358 prontuários presentes na comunidade terapêutica, sendo uma amostra de conveniência, dos quais 295 (82,40%) foram incluídos no

estudo, e os demais (63) foram descartados por não haver dados suficientes, como prescrição médica, CID-10, tempo de acolhimento entre outras variáveis utilizadas nesse estudo.

Foram encontrados oito (3%) prontuários com acolhidas biologicamente do sexo masculino, mas que se identificavam como gênero feminino, visto que este é um dos critérios para admissão e tratamento nesta comunidade terapêutica feminina. A idade média encontrada nos prontuários foi de 36,2 ($\pm 7,9$) anos. Quando ao nível de instrução, 224 (76%) possuíam predominantemente do primeiro ano ao fundamental completo e ainda 216 (73%) do total encontravam-se em situação desemprego.

Conclusão: Portanto, a partir desse estudo foi possível concluir que o perfil de acolhidas no local de estudo são mulheres, usuárias de crack em sua maioria, em idade produtiva e reprodutiva, baixa escolaridade e desempregadas na época do acolhimento, com apontamentos para os menores níveis da camada social, o que as expõe aos maiores fatores de vulnerabilidade e de risco social.

Referências

- BRASIL, RDC Nº 29 de 30 de junho de 2011. Página na internet. Acesso em 27 de julho de 2017. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2011/res0029_30_06_2011.html.
GOTI, M.E. La Comunidad Terapéutica: un desafío a la droga. Buenos Aires: 1990.

UMA ANÁLISE SIMBÓLICA SOBRE A UTILIZAÇÃO DOS MITOS NA CLÍNICA DE ABORDAGEM JUNGUIANA

Matheus de Lima Vasconcelos¹; Mônica Perri Kohl Greggi²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
matheuslimavasconcelos93@gmail.com;

²Prof^a. Dr^a. do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mgreggi23@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, Jung, mitologia, psicologia analítica, arquétipos

Introdução: Apesar de haverem relatos datados de cerca de 2.200 anos antes da civilização grega, como os esculpados nas tabuas de barro dos sumérios, sem dúvida, a tradição mitológica que o ocidente mais se debruçou para prestar estudos e interpretações cujos aspectos possuem maior influência e representatividade na nossa civilização ocidental contemporânea é a mitologia grega. No entanto, são inúmeras as culturas, tanto ocidentais como orientais, influenciadas pela cultura mesopotâmica que possuem na origem de suas sociedades registros de contos e relatos mitológicos, momento que o homem não era possuidor do domínio racional e científico (PETERSEN et al., 2012). Nesse sentido, encontramos na teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos desenvolvida por Jung o subsídio básico para a compreensão do fenômeno mitológico que se apresenta em vários contextos. Por definição, segundo Jung, o inconsciente coletivo “é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência” (2008, p. 86). Ou seja, no inconsciente coletivo encontram-se todas as experiências desenvolvidas ao longo da história da humanidade onde o homem tem acesso e que dessa forma vão modulando sua maneira de atuação no mundo. A esses conteúdos dá-se o nome de arquétipos cuja construção acontece exatamente obedecendo uma ordem de repetição de experiências semelhantes e que dessa forma, passam a ser conhecidos como conceitos ilustrativos-simbólico (JUNG, 2008). É através desse conceito de arquétipos que Jung viu nos mitos a possibilidade de se traçar uma gama de caminhos simbólicos em direção da construção da Consciência Coletiva. Os mitos irão agir a partir de um viés abordando a dimensão imaginária contendo os recursos de imagem e fantasia em prol do entendimento de um processo existencial (BRANDÃO, 1986).

Objetivos: Compreender a inter- ligação entre fenômenos psíquicos e produção de imagens míticas dentro da clínica junguiana.

Relevância do Estudo: O presente estudo tem sua relevância pautada na necessidade de se explicar como ocorre o entendimento e o manuseio dos mitos e das imagens dentro da clínica psicoterapêutica, partindo do pressuposto de que ambos são anunciantes e ilustradores de um processo psíquico e dessa forma contribuir para o enriquecimento teórico e científico dentro dessa área.

Materiais e métodos: Para a elaboração deste artigo foram utilizados materiais publicados em acervos, como artigos periódicos e também livros. Como ilustração teórico/ prática escolheu-se um caso psiquiátrico clássico apresentado pela Dr^a Nise da Silveira presente no livro O Mundo das Imagens (1992) sobre o jovem Isaac, diagnosticado com esquizofrenia e internado no hospital psiquiátrico.

Resultados e discussões: A palavra escrita ou falada, assim como os sinais, os símbolos e as imagens são elementos que compõem a dimensão da linguagem humana, utilizadas pelo homem, como meio de comunicação e expressão do que deseja e o que sente. Portanto, a imagem ou a palavra é um símbolo quando requer uma interpretação que vai além do que está manifesto e imediato (JUNG, 1964). Para a Psicologia Junguiana o mito é a manifestação dos símbolos, condensada numa narrativa de encadeamento de imagens e significados, abrangendo as narrativas que legitimam as religiões, ou cultos, a lenda e o conto. O sentido simbólico dos termos e o encadeamento da narrativa são importantes para o mito. O símbolo

tem uma importância fundamental na psicologia analítica, pois sua função é dar equilíbrio à psique, realizando uma mediação entre as diversas antinomias e oposições do sujeito, materializadas em uma oposição e relação entre o inconsciente e o consciente. Esta oposição provoca uma atividade inconsciente que se manifesta de forma simbólica como uma função de compensação desta oposição. (SERBENA, 2010). Desta maneira, o mito não é uma fuga da realidade, uma fantasia ou uma fabulação primitiva, mas uma realidade viva e uma forma de se colocar e de atribuir sentido ao mundo e que permanece atuante no mundo moderno. As imagens e mitologia ilustram a teoria junguiana que o self, como centro da saúde primordial, se manifesta presente mesmo em graus de sofrimento. O caso Isaac ilustra exatamente esse processo do self tendo a mitologia como meio simbólico. Isaac era um jovem que foi internado logo após ter se separado da esposa acusada de infidelidade. Nesse processo apresentou grandes perturbações emocionais e que ao longo do acompanhamento psiquiátrico de anos foi se intensificando com a manifestação da grande dificuldade em lidar com a figura materna de sua mãe, Dona Natália, que o superprotegia e mimava em anos anteriores. Na época que ficou internado recusava até mesmo suas visitas demonstrando grande desconforto. Na pintura de quadros começou a manifestar esses conflitos com a mãe de forma simbólica através de uma sequência de desenhos de árvores. “A árvore é protetora e nutridora mas poderá sufocar o desenvolvimento de outras plantas” (SILVEIRA, 1992, p. 50). Essa situação representa de forma fiel a relação entre mãe e filho. Remetemo-nos então ao jovem Átis, filho da deusa Cibele que resolveu se castrar sob um pinheiro enlouquecido pela influência de sua mãe, ciumenta e possessiva. Conforme foi pintando seus quadros notou-se um processo de sublimação desse conteúdo bem como a reestruturação do self promovendo um novo significado da imagem feminina evidenciando sua própria alma mais saudável (SILVEIRA, 1992). Faleceu em 1966 vítima de enfarte do miocárdio durante o processo de outra pintura.

Conclusão: Levando em consideração todos os aspectos mencionados, concluímos que a utilização de meios simbólicos como a mitologia ajuda a enriquecer ainda mais o processo psicoterapêutico. A mitologia auxilia na elucidação do desenvolvimento do homem e seus anseios de conhecimento e também possui a finalidade de trazer clareza as questões pertinentes à processos intrapsíquicos que afetam o indivíduo em vários âmbitos de sua vida. Numa perspectiva analítica Junguiana, é imprescindível entender a relação que estes têm com a estrutura psíquica do homem.

Referências

- BRANDÃO, J. D. S. **Mitologia Grega Volume 1**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 419p.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 311p.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 160p.
- PETERSEN, B. K. et al. Mitologia nórdica e as diferentes mitologias pelo mundo. **Revista Eletrônica: Colégio Mãe de Deus**. Londrina, vol. 3, p. 01-09, set 2012.
- SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista abordagem Gestáltica**. Goiânia, vol. 16, n. 1, p. 76-81, jun 2010.
- SILVEIRA, N. D. **O Mundo das Imagens**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1992. 161p.